



DJ Dolores e DJ Chico Correa

Vem do Nordeste uma santa e eterna
revolução sonora

ILUSTRAÇÃO
ANA CAROLINA DIAS



Inovadores e revolucionários, o grupo musical Kraftwerk me inspirou para o trabalho, cujo contexto se insere no movimento construtivista russo, que juntamente com referências ao álbum, *The Man Machine*, de 1978, definiram a estética do meu poster. Nesse álbum os músicos da banda quiseram inovar ao transformar ironicamente os comentários de críticos que diziam que o som deles era mais robótico do que humano. Criaram robôs para traduzir a fusão entre o homem e máquina, hoje natural, mas que naquela época estava à frente do seu tempo. Assim como no construtivismo, o Kraftwerk fazia música para as massas, tornando-se referência para a Alemanha, desestimulada após a guerra. Os robôs se tornaram um marco para a banda. Os trabalhos de Shepard Fairey, um designer atual, também me inspiraram para a confecção deste poster. Usei a palavra "Robots" destacada no título, como se fosse um convite a um evento. Os trabalhos de Shepard trazem essa característica, de dar ênfase a uma única palavra. Os integrantes da banda como robôs, tem ao fundo da cidade de Taranto na Itália, local que no dia que fiz criei o poster, recebia a banda para um show.

ANA CAROLINA DIAS
Graduada em Bacharelado em Design pela Universidade Federal de Minas Gerais. É apaixonada por design desde criança. Além dessa paixão, também é entusiasta pela música e pretende seguir uma carreira juntando as duas áreas. Tem um forte apelo pelas pinturas digitais, identidade visual, editoriais e direção artística.



T A R A N T O
MEDIMEX FESTIVAL

T I C K E T S O N B O O K I N G S H O W . I T

O H M 0 2
music magazine

Editorial

Estamos realmente felizes!

E o grande motivo dessa alegria toda, são vocês, que orgulhosamente chamamos de nossos leitores, os leitores da **OHM Music Magazine**.

Por vocês tivemos uma calorosa recepção, recebemos centenas de comentários, em sua quase totalidade carregados, de boa vibe!

Tivemos muitos, muitos downloads, mesmo! Conseguimos excelentes respostas da mídia e com isso já conseguimos boas, fortes e promissoras parcerias.

E através de nossas redes sociais, ganhamos milhares de amigos!

Também recebemos inúmeros contatos de artistas, músicos, DJs, produtores e agências, propondo matérias e participações em nossas páginas e nos sentimos orgulhosos com toda essa movimentação.

Isso tudo causou uma gigantesca e boa revolução interna.

Honestamente, a recepção e repercussão do lançamento da revista nos pegou de surpresa. Lógico que pensamos (e desejamos) positivamente a reação do público, pois a **OHM** é feita com muito cuidado, muito respeito e com muito amor pela música e por aqueles que a tornam viva. Mas também acreditávamos que levaria um tempo bem maior para que isso acontecesse. Ver toda essa boa reação e recepção positiva do público e da mídia acontecer tão rápido foi sensacional para gente e mostrou que estamos no caminho certo. Nos fez acreditar ainda mais nesse projeto maluco, mas que se mostrou positivo e respeitado.

Contudo, também demonstra como temos responsabilidade para com todos vocês, nossos leitores e principalmente para com a nossa música. Mas aceitamos de muito bom grado esse desafio.

Na verdade, são muitos esses desafios e alguns não serão fáceis de encarar!

Mas vamos aceitá-los!

Sabemos a importância em ter conosco pessoas que possuam a música pulsando em suas veias, assim como nas nossas. Nossa equipe de colaboradores e representantes começou bem selecionada, mas novos e importantes nomes chegaram. Agora, além do nosso correspondente de **Moçambique**, temos mais dois colaboradores internacionais, diretos de **Berlim, Alemanha**. Em função disso, trabalhamos para que a terceira edição da **OHM Music Magazine**, em dezembro deste ano, já seja lançada também em sua versão em inglês.

Por aqui, agora temos correspondentes no **Rio de Janeiro**, em **Pernambuco** e em **Santa Catarina**. E nossa turma de **Belo Horizonte** cresceu. Já somos uma equipe de nove pessoas fazendo, com muito carinho, a **OHM** para vocês. E também já estamos trabalhando muito para a criação de nosso site oficial e para viabilizar a versão impressa da revista.

Eu não disse que são muitos os desafios? Mas vamos dar conta! Sabemos que vale a pena!

Leo Olivera

tradição
planalto

PROGRAMA
ELEKTRONICA

<https://goo.gl/zkcYZC>

SOUNDCLOUD

<https://goo.gl/xQmZbo>

LEO OLIVERA

É Jazzmaniaco, pesquisador, editor e designer da revista OHM, DJ e apresenta o programa Elektronica na Rádio UFMG Educativa FM104,5.

Suas pesquisas transitam pelas influências exercidas pelo Jazz e pela música eletrônica em nossos tempos.

Em seus sets toca Nujazz, Acidhopjazz, Afrohouse, Funky House, Nordestinatrônica e Lounge Music.

Se apresenta em eventos como Fela Day, Beat OldSchool (SP), Virada Cultural (BH), Festival de Arte Negra (FAN-BH), entre outros. A OHM Music Magazine é um sonho antigo!



OHM 02

music magazine

ANO 01 - NÚMERO 02 - PRIMAVERA 2018

EXPEDIENTE

EDITORIAL

Ricardo S. Gonçalves

Editor Executivo

Leonardo Oliveira

Editor

Leonardo Oliveira + Maria Luiza Viana

Projeto Gráfico, Diagramação e Ilustração

Ricardo SG + Eduardo Oliveira

Fotografia

Anthony Alberto

Eduardo Oliveira (Transcrições)

Jamie Blonde

Leo Mille

Luis Henrique Oliveira

Roger Deff

Conteúdo

Cláudia Goes (Rio de Janeiro)

Sérgio Rohmanelli (Santa Catarina)

Nilton Pereira (Pernambuco)

Colaboradores

Stephaine Meaow (Universität Bayreuth)

Johann Oliveira

Correspondentes Alemanha, Europa

Mauro Brito

Correspondente Moçambique, África

Tradição Planalto Editora

contato@tradiocaoplanalto.com.br - <http://www.tradiocaoplanalto.com.br/>



Rua Lindolfo de Azevedo, 192, sobrelôja

Nova Suíça - BH - CEP 30421-265 - MG

Telefone: (31) 3226-2829



COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:

ADRIANA S. PONTES
ALEX CONTRI
ANA CAROLINA DIAS
ANTHONY ALBERTO
BANDA NÃO NÃO-É
BRUNO HERCULANO
CARLOS KROEFF
CLAUDIA GÓES
EDUARDO OLIVEIRA
ÉRICO CORNÉLIO
ESMERALDO PERGENTINO
FERNANDO TRANCOSO
GUSTAVO MACHADO
HELDER ARAGÃO
IRINEU MARTINS
JAIME BLONDE
JOSÉ LUIS PEDERNEIRAS
LAMPARINA FILMES
LEO OLIVERA
LEONARDO AIRES
LEONARDO MIRANDA
LUCAS ZUK CHAGAS
LUIZ HENRIQUE OLIVEIRA
LUIZA DA IOLA
MARIA LUIZA VIANA
MAURO BRITOTAVARES CEBOLA
MESTRE NEGO ATIVO
RAFAEL AQUINO
RICARDO SG
SOL BRITO
TAVARES CEBOLA
WEBER PÁDUA



FOTO CAPA
EDUARDO
OLIVEIRA

06

ENTREVISTA
DJ CARLOS KROEFF
Luis Henrique Oliveira

12

PLAYLIST
DJ LEO MILLE
Leonardo Aires

14

MATÉRIA DE CAPA
DJ DOLORES e DJ CHICO CORRÊA
Leo Olivera + Eduardo Olivera

22

GARAGEM
FITA CREPE
Eduardo Oliveira

27

PROJETOS
#NÓS TEMOS UM SONHO
Luiza Da Iola

32

ENSAIO
POR QUE KALAKUTA É NECESSÁRIA
Leo Olivera + Rafael Roots

38

ÁFRICA
À VOLTA DA FOGUEIRA
Mauro Brito e Tavares Cebola - Moçambique

44

FOTOGRAFIA
JOSÉ LUIS PEDERNEIRAS
Adriana S. Leite

52

PESQUISA
PONTES DO AFETO
Claudia Góes - Rio de Janeiro

52

DESIGN
ESTÚDIO BORDA - BH
Érico Ricardo + Gustavo Machado

62

AGENDA
EVENTOS OHM
Equipe OHM

FACEBOOK

<https://goo.gl/ksiukd>

CANAL OHM YOUTUBE

<https://goo.gl/gy6qqz>

OHM: : ENTREVISTA

LUIS HENRIQUE OLIVEIRA

DJ Carlos Kroeff

Com uma bagagem cultural e musical apurada, Carlos Kroeff é pura emoção

Conheci o **Carlos Kroeff** no início dos anos 90, na época da Hipodromo, mas nos tornamos amigos em 2001, quando ele era o DJ residente da casa Club:e, lugar que marcou história nas noites de Belo Horizonte. O **Carlos** é um DJ com muita autenticidade, muito refinado e com um gosto musical incrível. Um cara que pesquisa muito, e conhece a história da música como um todo, de uma maneira divertida e única. Tocamos em várias festas, onde a **House Music** era e sempre será o carro chefe! Dono de uma coleção de discos de fazer qualquer DJ sofrer um fulminante ataque cardíaco, ele tem na ponta da língua a história de cada um daqueles discos, estando todos eles excepcionalmente organizados e com preciosidades exclusivas, que nem cito nomes... Nesses anos de música e amizade, somamos boas festas, histórias engraçadas, sets muito bem recheados e boas resenhas. Afinal o que seria da vida sem música?

Luis Henrique Oliveira,
DJ Luis Henrique - Sabará

Apaixonado por música desde sempre, **DJ Luis Henrique** teve influência da **Disco Music, House Music, MPB, Jazz** entre outros. Com um currículo de festas de responsabilidades, já dividiu as picapes com DJs de importância na cena local, nacional e internacional. Seus sets, que viajam por diferentes vertentes são marca registrada, viajando da **Disco** ao **Techno**, da **House** ao **Nu Disco**, a mistura sempre vai bem na pista!

CANAL OHM YOUTUBE
DJ CARLOS KROEFF - PLAYLIST 01

<https://goo.gl/7z7LCp>

SOUNDCLOUD
DJ CARLOS KROEFF

<https://goo.gl/pDu7bK>

CARLOS KROEFF POR FERNANDO TRANCOSO



OHM:

A pergunta é clássica, mas extremamente relevante. Nos interessa muito saber como foi que tudo começou. Onde você estava, como e qual música mudou a sua vida?

CK:

Desde muito cedo, criança, minha mãe so me fazia dormir e me acordava com musical! Dava a hora de acordar ela ligava o rádio e ainda tenho lembranças de várias músicas e vinhetas da Rádio Atalaia e também Rádio Itatiaia na memória (ambas de Belo Horizonte)! No meu aniversário de 4 anos, ganhei uma radiola Phillips vermelha, parecida com uma que minha vizinha possuía! Nesta época, eu já levava a vitrola pra vizinha, colocávamos uma ao lado da outra e eu tentava escutar os discos sem intervalo! Eu achava isso o máximo!

OHM:

Como começou sua carreira de DJ?

CK:

Com uns 12 ou 13 anos, no período de escola, eu levava uns disquinhos para as festinhas de playground! Com a idade de 15 pra 16 anos eu já colocava, junto com outros amigos meus, um som na rua e tocávamos o dia inteiro. As vezes fazíamos o som em alguma festa de aniversário ou casamento (sim, isso mesmo, casamentos! – risos!).

Com 17 anos tive a graça e a sorte de entrar para **Hippodromo**⁽¹⁾ como operador de luz, mas o meu foco era os toca discos! Conteí mais uma vez com a sorte de ter tido um excelente professor que foi o **Evandro Siscati**, DJ icônico, paulista, que me ensinou melindres que aplico até hoje!! Sou muito grato a ele!

OHM:

Você acompanhou toda revolução sonora causada pela música de dançar. Você consegue escolher qual seu estilo favorito? Existe um artista ou grupo especial? Com quais nomes fortes da cena você já tocou?

CK:

Pois então... Com mais de 30 anos de discotecagem, fica até difícil escolher somente um estilo, grupo ou um produtor que seja! Em todas as épocas saem músicas atemporais que podem ser tocadas de acordo com seu discernimento e para a pista que você vai atuar! Eu por exemplo, tenho em meus sets musicais das décadas de 80, 90 e 2000, nos quais muitas das músicas que toco passaram despercebidas pela maioria do público, mas que são músicas incríveis.

(1) HIPPODROMO

Casa noturna icônica de Belo Horizonte. Ocupou o antigo Cine Alvorada, no Bairro de Santa Efigênia. Era do mesmo empreendimento da famosa Hippodromo do Bairro Pompéia em São Paulo.

Ao meu ver não existe música ruim; mas existe este ou outro DJ ou sonoplasta que toca um determinado som que não é para um determinado público. Como colocar um DJ de **Trance** pra tocar em uma festa de **House**! O DJ precisa conhecer isso! Bom senso em um DJ é primordial!

Sobre alguns nomes que tive o privilégio de discotecar... bom, vou dizer alguns, com os quais me senti muito a vontade: **Steve Angelo, FatBoy Slim, Elefantz, David Guetta, Thomas Gold, Dirty South, Bob Sinclar, Hector Romero, Grant Nelson, Memê!** Todos esses autografaram meus discos dando risadas e agradeceram o suporte! (risos!)

OHM:

E a cena brasileira? Como vê os DJs, produtores e artistas atualmente?

CK:

Bom... sobre a cena brasileira, vamos lá! Temos produtores incríveis e alguns aventureiros como em todo lugar! O mais legal que eu vejo e que esta moçada nova está resgatando e ou produzindo músicas cantadas em português, coisa que DJs brasileiros até bem pouco tempo rejeitavam e ou não davam o devido valor! Nossa cultura é tão rica, nossa sonoridade é procurada e cobiçada no mundo inteiro, sobretudo o **Samba-rock**, o **Funk** produzido entre os meados dos anos 60 aos meados dos anos 70, entre outros.



CARLOS KROEFF POR FERNANDO TRANCOSO



CARLOS KROEFF POR FERNANDO TRANCOSO

Também acho fantástico essa nova geração produzindo músicas com letras autorais cantadas em português!

Como em todo segmento musical atual, temos além do trabalho bem produzido, algumas tracks que são mais impactantes e outras sem a menor expressão! Mas de um modo geral, esse momento de transformação e mutação que estamos vivendo, certamente trará bons frutos para a música!

OHM:

Você tocou em casas famosas. Conte um pouco como foi isso e como era a cena dos clubes e casas, nas noites brasileiras e gringas pelas quais você passou.

CK:

Então... eu prefiro ser um DJ residente do que um DJ que cada dia está em um lugar! A residência te proporciona criar identidade! Com relação às casas noturnas que passei, em algumas sou lembrado até hoje por isso! Outros tempos, outra cultura!

Não teve uma casa que mais gostei ou aquela que gostei menos.

Na verdade, tiveram lugares aonde aprendi muito, como a **Hippodromo**, de 1990 à 1993, a **Boate do Pic**, de 1993 à 1996 e a **Escape**, de 1996 à 1998. Esta casa, sem dúvida me

permitiu alcançar voos inimagináveis! Eu saía de Belo Horizonte e ia para Valencia e Barcelona na Espanha, para comprar disco para a boate.

E de quebra ainda arrumava algumas **gigs** por lá! Os anos 90 foram muito bacanas!

Nos anos 2000 cito a **Club:e** de 2000 à 2003, a **Hard Rock Cafe** em 2006, a **Cafe De La Musique**, de 2010 à 2013 e a **Provocateur**, de 2014 à 2015.

Estas duas últimas foram como uma pós-graduação e um mestrado, tamanho o aprendizado adquirido!

OHM:

E hoje? Como está a cena atualmente?

CK:

Hoje o formato da noite mudou muito! Já não é mais necessário sair de casa para se ouvir música, existe o Youtube!

A noite ficou cara, muito cara, sem contar as novas regras para motoristas embriagados, que ficaram muito mais rígidas!

É difícil até dissertar sobre!

Mas existem ainda algumas noites legais, com pessoas e sons muito legais! Mas infelizmente hoje eu sinto que a noite está cada dia mais efêmera!

OHM:

Sobre discos e coleções, sabemos que a sua é uma das principais deste país. Sabemos também que **DJ James Lewis** proibiu você de adquirir novos álbuns. Mas como você não vai obedecer mesmo, conta pra todos nós como é o seu processo de seleção, seu **digging**? Conte um pouco disso pra gente.

CK:

HAHAHAHAHAHAHAHAHA! Desde que me entendo por gente, eu compro discos! Mesmo antes de sonhar em ser deejay ou algo semelhante! Nem sei te explicar minha paixão pelas capas dos álbuns. Tenho as vezes, 5 cópias de um mesmo álbum que gosto muito só porque as capas são diferentes!

Mas, eu prefiro mais os discos de vinil, primeiro pela qualidade do que se toca, segundo pela exclusividade do que se toca! Geralmente, para versões de músicas lançadas, algumas delas saem somente neste formato, em vinil! Agora, sobre meu acervo ser "um dos maiores do Brasil"... amigo, ele não está nem entre os 1000 maiores! Conheço pessoas que possuem 10 vezes o que tenho! A diferença é que meu acervo está cuidadosa e devidamente catalogado e organizado! Acho qualquer disco rapidim!

OHM:

Defina o que é para você a música de dançar do século 21?

CK:

Olha... Dissertar sobre a música para dançar do século 21!

Bem, acredito que o som do século XXI se dá por muitas fusões de várias sonoridades e claro, milhares de releituras!

Vai do feeling do DJ, lançar, criar, reciclar o que se irá tocar! Penso que quanto maior a bagagem musical dele, maior será a emoção passada para o público!

OHM:

O que hoje mais arrepiava sua pele quando escuta música?

CK:

Sinceramente escuto alguns produtores e descredito no produto final!

A mistura do **House** bem produzido com metais e vocais ainda é, na minha opinião, a melhor fórmula para se dançar!

DJ Leo Mille

Pionerismo na cena House mineira

Quando os primeiros ventos começaram a soprar em Ibiza na Espanha e as ondas baleáricas iniciaram a bater no Brasil, **Leo Mille**, ainda influenciado pelo **NEW ROMANTHIC** tocado na Europa no final dos anos 80, iniciou sua carreira ainda adolescente, no psicodélico Club Guilden em Belo Horizonte.

Lá atrás o DJ percebeu que a cultura club estava mudando. Hoje já são quase trinta anos de participação em festas, programas de rádio e internet, raves e apresentações e residências em casas e clubs pelo Brasil a fora.

Muita coisa aconteceu e noites memoráveis aconteceram na vida do DJ. Tocou ao lado de relevantes nomes nacionais e internacionais e fez remixes para artistas renomados.

Uma de suas principais referências é a música negra em todas suas formatações. Do **Blues** ao **Jazz**. Do **Rock** ao **House**. Essa última em questão, a **House Music**, se tornou o carro chefe do artista que hoje em dia a mistura ao **Jazz** e ao **Soul** em suas apresentações. Sempre apaixonado por tecnologia, Leo traz na bagagem familiar a presença da música. Nas festas e encontros familiares sempre tinha piano, gaita, violão e tudo que os pais, tios e primos puderam mostrar e tocar.

Foi então que começou a viajar na frente de seu primeiro ATARI e observar com mais alegria aqueles longos e contínuos trechos musicais dos jogos.

Estava pronta para a viagem que até hoje ainda não acabou e está longe disso.



LEO MILLE POR WEBER PÁDUA

House Music

House Music surgiu em Chicago, isso em meados dos anos 80. Alguns afirmam que que o estilo é uma vertente da **Disco Music**, outros dizem que foi uma evolução do Electropop. Mas a **House Music**, independente de sua origem, assumiu o maior papel e relevância entre todos os estilos da música eletrônica para dançar contemporânea. Criou identidade, de caráter mundial, irreversível e para sempre.

Frankie Knuckles foi um dos pioneiros, juntamente com outros nomes como **Tony Humphries**. O estilo se caracteriza pela 4/4 Beat, originalmente geradas em drum` machines, seguidas de perto por linhas sólidas de baixo e samples. E acompanhadas de boas vozes, belíssimas vozes. Mas ela evoluiu e seu caminho segue como o do **Jazz**, cada vez mais amada e respeitada. Se multiplicando! Atualmente existem inúmeras sub-vertentes da **House Music**, tais como o **Funky-house**, o **Tech-house**, a **Disco-house**, o **Progressive House**, o **Electro-house**, o **Acidhouse**, o **Soulful House**, o **Neo-Jazz-House**, citando algumas e sabendo que outras surgirão.

E em todos os países do mundo, independente da cultura ou tradição, pois como no **Rock and Roll**, todos nós amamos a boa e velha **House Music!**

CANAL OHM YOUTUBE
MILLE - PLAYLIST 01
<https://goo.gl/tgYBPm>

CANAL OHM YOUTUBE
MILLE - PLAYLIST 02
<https://goo.gl/dJhEu6>

CANAL OHM YOUTUBE
MILLE - PLAYLIST 03
<https://goo.gl/UCSw5r>

MILLE - SOUNDCLLOUD
<https://goo.gl/m1rfi7>

MILLE - INSTAGRAM
<https://goo.gl/5LP6LV>

OHM::MATÉRIA DE CAPA
LEO OLIVERA E EDUARDO OLIVEIRA

DJ Dolores e DJ Chico Corrêa

Vem do Nordeste uma santa e eterna revolução sonora

Foi tudo acertado como uma entrevista formal, hora marcada, tempo contado, pauta com perguntas prontas, etc. Eu estava lá seguindo o protocolo. Mas a entrevista ganhou outro rumo. Virou uma das mais interessantes conversas que eu sobre música, música eletrônica, música nordestina, cultura e sobre a história de dois mestres do cenário musical contemporâneo.

Na verdade, eu sempre pensei na música do Nordeste como uma coisa que vem em ondas, ondas fortes, tsunamis. Na minha mente, defino cinco fortes históricos tsunamis que varreram o Brasil e o mundo, que nunca mais foram os mesmos!. São eles **Luiz Gonzaga**, os baianos da **Tropicália**, o **Manguebeat**, o **Axé** e a **Nordestinatrônica!**

E eu estava ali, conversando com dois representantes disso tudo. Conversando com os responsáveis por duas dessas fortes ondas que de tempo em tempo, descem do Nordeste para lavar e limpar tudo aquilo que chamamos de música brasileira, nos fazendo repensar sua importância e relevância em nossas vidas e cultura. Nos fazendo repensar a nossa raiz!

Não tinha como não compartilhar isso com vocês. Então, sentem-se ao nosso lado e aproveitem a conversa.

Obrigado **Helder Aragão (DJ Dolores)** e obrigado **Esmeraldo Pergentino (DJ Chico Correa)**.

CANAL OHM YOUTUBE
DJ DOLORES - PLAYLIST
<https://goo.gl/KcBHdc>

CANAL OHM YOUTUBE
DJ CHICO CORREA - PLAYLIST
<https://goo.gl/j8PpwE>

SOUNDCLOUD
DJ DOLORES
<https://goo.gl/nvv6dF>

SOUNDCLOUD
DJ CHICO CORREA
<https://goo.gl/e2CMjC>

DJ DOLORES POR
EDUARDO OLIVEIRA



DJ CHICO CORREA POR
EDUARDO OLIVEIRA



Leo (OHM): Temos hoje uma cena de música eletrônica muito forte no Brasil. Mas tem muita coisa boa fora do circuito convencional dessa música. Vocês estão nesse circuito alternativo, fora do circuitão, certo?

Dolores: Sim. Tem uma cena muito forte no Brasil. Tem gente, como o **Antônio Omulu (Omulu)**, que quando posta uma *track*, atinge 200 mil views depois de um dia. Isso é muito poderoso.

Chico: Mas por exemplo, o **Aristide Gentili (Tide)**, olha o que ele faz... A gente tem um grupo fechado com todos esses produtores e a gente sempre posta as *tracks* lá e toca primeiro, só que aí eu começo a ver as *tracks* do **Tide** tocando em todo canto, vários DJs pegando, todo mundo tocando.

Leo: Mas o que a gente vê, é que tem muitos *downloads*, muita divulgação, mas esse circuito alternativo continua ainda muito pequeno.

Dolores: Mas veja bem, ele não é *mainstream*! Mas é sólido pra caramba e já está a muito tempo circulando. Todo mundo se conhece pessoalmente e é um troço que se sustenta financeiramente. Não é tipo uma modinha. Podemos dizer que esse circuito surgiu ainda na época do **Brazilian Drum 'n' Bass**. Começou a se formar e foi mudando, porque também os produtores foram mudando, o perfil da música foi mudando e mesmo que tenha muita gente mais nova, como o **Omulu** ou o **Tide** que não fizeram parte disso, ainda tem muito veterano como a gente, que fez parte, que pegou e continua ainda dentro dessa coisa.

Leo: Essa coisa do envolvimento social? A gente sempre acaba, de um jeito ou de outro, envolvendo a questão social, a questão urbana.

Dolores: Música é sociologia, né? Não tem mesmo como separar. Eu lembro de um Festival Eletrônica histórico, que foi quando o baile **Funk** despontou para a classe média brasileira. E o primeiro grande show do **DJ Marlboro** foi justamente aqui em Belo Horizonte. Foi num ginásio e ele começou a tocar! Metade do ginásio vaiava e metade dançava. Teve uma hora que ele começou a atirar CDs para o público, tipo arma ninja. Então aconteceu uma coisa muito doida: a galera pegava os CDs e jogava de volta. Pensei que acontecia ali um grande e talvez o primeiro embate estético social do **Funk**. Aquilo foi uma imagem muito poderosa.

Leo: Tem uma coisa interessante quanto ao **Funk** carioca. A apropriação da tecnologia de produção! Essa possibilidade de conseguir se produzir com pouco é muito legal. Causa um impacto social interessante.

Chico: Isso dá voz às pessoas, não é? Então você não pode cortar esse tipo de manifestação.

Dolores: Tem moleque de 11 anos produzindo **Funk**. E é engraçado a busca pelo virtuosismo, por que é isso o que está por trás, para quem trabalha muito com **Bass**, essa cultura do baixo sintetizado.



LEO, DOLORES E CHICO
POR EDUARDO OLIVEIRA



E essa molecada fica estudando compressores, filtros e frequência, para tirar o máximo de um timbre de baixo que seja muito poderoso. É incrível! Aí você pega um adolescente que vem com uma abordagem tecnológica da música, uma abordagem diferente da minha, que fico pensando em harmonia, em tom e o moleque vem com uma abordagem absolutamente científica e fria, de como conseguir o beat. Uma produção fria.

Leo: É legal o termo produção fria. O cara faz musica mas acaba seguindo um modelo. Tem uma estética que ele copia, tem uma sonoridade forte, mas que é fria.

Chico: Timbres também.

Dolores: Timbres e estruturas

Chico: O **Trap** mesmo! O **Trap** virou uma fórmula. Mas é aí que eu acho que alguma criatividade se manifesta, porque eles estão pegando todas as referências que a música pop pegou! Vou citar a Bahia, com o **Rafa**, o **Mahal!** Os caras pegam um **Arrocha**, botam com a batida do **Trap** e se você tocar isso num palco gringo funciona assustadoramente, da mesma forma que funciona se você colocar num palco na periferia.

Leo: Essa era uma das perguntas que eu ia fazer. Vocês estão lá fora, vocês estão lá com nos gringos e é muito fácil eles se apaixonarem com a estética que vocês desenvolvem.

Dolores: Sim, eles só não sabem dançar! (*risos, muitos risos*)

Chico: Em 2015 eu fui à Paris. Fizeram um carro alegórico de sete metros de altura e me colocaram lá em cima com um bando de percussionistas batucando. Era um evento do campeonato de rúgbi, o Top 14. Cada vez que a batucada parava, eu colocava música. A galera achou que eu ia colocar música brasileira tradicional e tal, e eu colocava **Omulu**, **Rasteirinha**. E a galera ficava maluca! É muito interessante de ver, essa coisa da percussão, que é uma coisa muito nossa, passa pela Bahia, pelo Rio, passa por Pernambuco e essa coisa toda vira referência na estética da música eletrônica pop.

Dolores: Tem uma quebra de paradigma também nessa geração. Porque, eu venho das décadas de 80 e 90 e a gente tinha uma referência, uma busca por um **Pop** brasileiro. A gente ia buscar essa identidade na raiz, na música negra, na música regional, na música tradicional. Mas essa geração mais recente vai buscar essa identidade na música da periferia, na música da ralé que foi desprezada pela classe média, como o **Arrocha**, o **Samba-Reggae**...

Chico: eles estão gourmetizando a parada! *(risos)*
Eu chamaria isso de movimento Pós Global Gueto! *(risos, muitos risos)*.

Dolores: E é muito engraçado por que essa galera todinha, da cena do **Bahia Bass**, da cena do **Omulu**, já não vai direto na coisa roots. É tudo processado, industrial, em um tipo de música que é comercial, mas que é desprezada pela classe média. E isso vai encontrar um paralelo, por exemplo, no resto da América Latina que faz **Cumbia**. A grande cena da América Latina está assim... É uma música totalmente desprezada, música para a ralé, que não passa por academia e tal.

Leo: Eu acho muito interessante o que eles fazem com a **Cumbia**. Até fazem *hacking* em consoles de games antigos para compor e tocar **Cumbia**. Apropriação de tecnologia. Muito legal!

Chico: Tem uma coisa também. Eu não sou expert mas gosto de **Cumbia**. Só que virou modinha eu não acompanhei – porque eu não acompanho moda – mas o

que eu acho legal e diferente da América Latina é que aqui no Brasil a gente tem que botar as coisas mais pesadas (BPM mais altos!). Lá a galera consegue tocar um BPM mais baixo e mesmo assim eles dançam muito.

Leo: Não será por que temos um DNA de linha de **Samba**, de escola de samba aí por trás? Nos somos acostumados com essa coisa mais pesada.

Dolores: Mais frenética.
Mas a **Rasteirinha** é bem cool, né? Mais ou menos 90 BPMs, não é?

Chico: Sim, **Rasteirinha** bate pelos 97 BPMs. Mas ela tem uma coisa interessante. Ela bate num BPM parecido com o **Ragga**. Se você botar para tocar, dá para misturar com o **Ragga**. E a **Rasteirinha** é um *sample* muito **Pagodão** da Bahia. A galera pegou e pesou. Mais periferia *gourmet!* *(risos, muitos risos)*

Dolores: Onde é que isso vai parar?

Chico: **Major Lazer** já colou nisso aí, ne?!

Leo: Deixa eu fazer umas perguntas formais aqui, por que tem coisas que não tem como deixar de perguntar. Vamos voltar lá para o **Manguebeat**. Quer saber um pouco sobre o programa da rádio universitária lá em Recife, o Década! De quem era o programa? Você já estava lá nessa época?

Dolores: O programa era do **Fred (Fred Zero Quatro)**. O **Renato (Renato Lins)**, o Lu (**Lúcio Maia**) e eu colaborávamos. Foi justamente quando eu cheguei no Recife. O programa era chamado Década por causa da música do **Joy Division**.

Leo: Caraca! Que doido... vivendo e aprendendo!

Dolores: Era o script da década de 80, ne? Pretenciosa! O slogan era muito década de 80: Décadas e civilização! *(voz grossa)* E a galera levava isso a sério *(risos)*. Isso foi em 85/86.

Leo: A internet ainda era discada! Como é que vocês conseguiam as músicas que influenciaram todo o movimento? Como era o "garimpo" de vocês?

Dolores: Cara, veja bem: foi a época que eu me mudei de Aracajú pra Recife. Em Aracajú, ainda adolescente, eu passava a minha vida ouvindo música. Para você ter uma ideia, quando o cara é muito rato, muito fissurado, ele fica que nem um viciado, fica ligado, ele gasta toda a energia dele atrás de música, sabe?!

Leo: Eu sei! Eu sei como é isso! *(risos, muitos risos)*

Dolores: No Recife foi do mesmo jeito. Era fita cassete, disco importado comprado com dinheiro de todo mundo! Depois o disco rodava de mão em mão, kkk! Quando algum conhecido ia viajar para o exterior a gente colava nele, mandava uma listinha e tal.



Tipo, o primeiro disco do **The Smiths** (*The Smiths, 1984*), chegou lá no Recife uma semana depois de ter sido lançado na Inglaterra e ninguém nem conhecia. A gente pediu a mãe de uma amiga nossa trazer. Era desse jeito, batalha diária! Tenho até uma história engraçada que ilustra muito bem essa realidade. Eu morava em Aracaju ainda e tinha um carioca que morava no prédio bem em frente minha casa. Ele tinha muito disco importado. Foi dele que comprei o disco do **The Clash** (*The Clash, 1977*), meu primeiro disco de **Rock** que comprei com meu dinheiro. Também comprei um monte de outros discos. Quando fui para Recife levei todos os meus discos. Conheci o **Renato** e o **Fred**, que foram meus primeiros amigos. Eles eram da turma que mais tarde se tornaria o núcleo do **Manguebeat**. Eles foram lá pra casa, e claro, estavam fazendo o Décadas. Eu falei: – ó, tenho um monte de discos e se quiser eu empresto para tocar no programa! O **Renato** começou a passar os discos. Puxava um e falava: – Olha, eu tenho esse disco! Puxava outro e dizia: – Olha **Fred**, aquele teu disco! Aí teve uma hora que ele pegou o disco do **The Clash** e falou: – Caraca, esse disco é meu! Olha meu **The Clash** aqui! Aí abriu e tava lá a assinatura dele. (risos)

Leo: Putz! (risos)

Dolores: O que aconteceu?! O carioca meu ex-vizinho pediu emprestado para o Fred e para o Renato um monte de discos e levou embora. E depois me vendeu os discos! (risos). Dá pra perceber como o circuito era pequeno.

Leo: E hoje? Vamos pular 20 anos, 30 anos nessa parada aí! **Chico**, vamos falar de sua música! Quando eu escuto suas produções eu viajo muito! Vejo (e escuto) música de raiz! Como é que você encontra essas coisas?



DJ DOLORES POR EDUARDO OLIVEIRA

Chico: Cara, primeiro, o contexto! No lugar que a gente mora, podemos dizer que a cultura popular está em todo canto, exposta. Em Recife, ela está lá, na Paraíba também! É muito rico. E no meu caso, eu não comecei fazendo música eletrônica! Eu nunca fui de ir para clube nem nada. Eu era de apartamento, CDF, casa e escola. Queria tocar em banda! Quando entrei na UFPB, participei de uma pesquisa do CNPQ e nem era bolsista, era voluntário porque ninguém sabia mexer com gravador. Eu era o office boy da coisa, o cara que ia gravar. Assim eu tive contato com essa música. Eu ia para terreiro de candomblé para gravar o disco do pai de santo. Eu ia para a feirinha no interior para gravar duelo de repentista. Isso era atividade da pesquisa. Foi assim que fui tendo contato. Numa certa hora aprendi a *samplear* e comecei a fazer de brincadeira. Por isso que eu criei o nome de **Chico Correa**, para poder apresentar minha produção. Eu estava usando o material de pesquisa e minha chefe não podia saber! (risos) Eu pegava uma vozinha aqui, uma coisinha ali, fiz uma brincadeira e botei na internet com outro nome. Foram dois anos sem a galera descobrir que era eu.

Acho que só o **Dolores** sabia. Aí veio o **Mabuse (HD Mabuse)**, que também é um amigo nosso e tinha um site, o Manguetronic. Minha música começou a chamar a atenção e fizeram uma matéria em um jornal de lá! – Ah, Esmeraldo usa o nome **Chico Correa** e tal! Cara, na mesma hora eu recebi um telefonema da chefe da pesquisa me esculhambando! (risos, muitos risos)

Dolores: O que a gente chama de cultura popular, cultura tradicional, é muito importante no Recife. De jeito nenhum é uma coisa assim distante. É uma coisa que você sempre vê. Então para mim a realidade é essa; quando preciso de alguma cantora ou cantor, eu não vou procurar meus amigos roqueiros. Eu digo – Ah, vou chamar a **Isaar**, que ela tem um puta vozeirão! Vou buscar o **Maciel Salú!** Eu quero a voz de **Dona Lia de Itamaracá** que voz internacional! Eu busco essas pessoas porque sei que eles têm uma coisa... aquela voz negra, sabe? Grave, gostosa, poderosa, que os cantores de rock não têm. São vozes que nasceram da cultura, nasceram no **Maracatu**, na **Ciranda**.

Leo: Ainda sobre o **Manguebeat**, sobre o manifesto e a questão da eletrônica na música de vocês. A parabólica representava alto grau de tecnologia naquele momento! Como era essa relação? Já havia um ideal de apropriação tecnológico naquela época?

Dolores: Veja bem, a música e a coisa da tecnologia pra gente?

Bem, a gente era tudo moleque liso, todo mundo duro pra danar. O sonho da gente era sentar num bar e cada um ter o seu próprio prato de batata frita (risos, muitos risos). Então, era o nosso jeito de consumir música, acompanhando os últimos lançamentos e as tendências internacionais, que fazia a gente se sentir pertencentes ao resto do mundo.

Era o jeito da gente se afirmar como cosmopolita.

E a tecnologia tinha isso!

Existe então uma ironia muito forte. Na verdade, as únicas pessoas que tinham acesso ao computador, eram o **Mabuse** e eu. E você vê que no imaginário do **Manguebeat**, tudo é cheio de referências à tecnologia. Mas na realidade, a grande maioria da turma não tinha acesso a ela. O **Chico (Chico Science)** nunca teve endereço de e-mail. Ele morreu sem ter um endereço de e-mail. O **Fred** até hoje não sabe usar nem o *Facebook* direito (risos). Mas tinha uma coisa simbólica em dizer que sua música era feita em um *sampler*. Isso era muito importante, pois mostrava que nós estávamos conectados com os caras da música que a gente gostava e respeitava. Pô, antes de ter um sampler, eu toquei com o **Mundo Livre SA**, cara, fazendo looping com fita num deck. Era minha função no **Mundo Livre!**

Leo: Caraca, também brinquei com isso!

Dolores: E você vê que intuitivamente a gente estava procurando alguma coisa, procurando um instrumento que não existia ainda. Coisas da música!



DJ CHICO CORREA POR EDUARDO OLIVEIRA

LUCAS ZUK CHAGAS
FOTO: ACERVO DA BANDA

Fita Crepe

12 anos? tá aí o segredo: misture música boa com grandes amigos e seja feliz

COMO COMEÇOU:

A **Fita-Crepe** começou em 2006 na cidade de Franca, interior de São Paulo. Eu, **Lucas 'Zük' Chagas** (guitarra e voz) com 19 anos naquele ano, tocava guitarra em um sexteto de **Blues** e também dava aula de guitarra em uma escola local. O **Blues** é a minha maior escola e o texano **Stevie Ray Vaughan** minha maior influência. **Diego Randi** o baixista, também era professor de baixo em outra escola e tinha uma banda com **Paulim Campos**, o baterista, que na época cursava no último ano da faculdade de Design.

Diego e eu já havíamos feito algumas jams onde eu me arriscava nos vocais. Mas até então, eu era apenas o guitarrista. Porém, em uma fatídica terça-feira, Diego ligou dizendo que havia agendado uma data em um bar local com a banda dele e que o guitarrista/vocalista não poderia se apresentar. Fui convocado para assumir a posição de *frontman* num show que aconteceria em três dias. Não haveria tempo para ensaios. A vida nem sempre te dá duas chances, sendo assim, topei.

Decidimos um repertório repleto de clássico do **Rock** e **Blues**, que todos sabiam tocar, o que daria margem para bastante improvisado. E o show que deveria durar duas horas durou quatro horas. Na quinta-feira anterior a esse primeiro show, o dono do bar nos perguntou qual o nome da banda. Não havíamos pensado nisso ainda. Diego e eu começamos um *brainstorm*. No final, escolhemos **Fita-Crepe**, que parecia ser o mais indicado para aquela ocasião. Na verdade, não pensávamos que a banda duraria mais do que aquela noite. No dia 11 de agosto de 2018 esse primeiro show completou 12 anos. Ao fim daquela primeira apresentação o dono do bar quis agendar outra data. E depois outra. E depois o outro bar na cidade que dava espaço para o tipo de som que fazíamos também abriu as portas. A cidade de Franca é uma cidade universitária, logo estávamos tocando em festas de repúblicas, DAs (Diretórios Acadêmicos), etc.

E dessa forma a **Fita Crepe** vem se mantendo há tanto tempo. Com um repertório baseado nas coisas que a gente gosta de ouvir, sendo feito do nosso jeito, com alegria e honestidade. Acho que essa é a chave pra tudo na vida.

REPERTÓRIO E ESTILO

Se contarmos todas as músicas que a banda já tocou, temos aproximadamente umas 200 delas na lista. E já teve de tudo um pouco!

De Franca, São Paulo (desde 2006)

Lucas 'Zük' Chagas – guitarra e voz

Diego Randi – baixo

Paulim Campos – batera

CANAL OHM YOUTUBE
FITA CREPE – PLAYLIST
<https://goo.gl/a5sNnR>

CANAL YOUTUBE OFICIAL
FITA CREPE
<https://goo.gl/QyzzdK>

Para citar algumas coisas: **Jimi Hendrix, Stevie Ray Vaughan, Led Zeppelin, Black Sabbath, Deep Purple, Queen, The Beatles, Pink Floyd, Foo Fighters, Muse, Rage Against The Machine, Beastie Boys, Wolfmother, AC/DC, Rush, Primus...** E quando digo que fazemos versões pitorescas, tente imaginar um *power trio* tocando *Burn* do **Deep Purple** com o solo de teclado no baixo. Ou *Bohemian Rhapsody* na íntegra. Nós fazemos isso.

O estilo da banda é moldado à partir de diversas sonoridades. Isso pode ser notado em algumas versões, como por exemplo em um *pout-pourri* que fazemos iniciado com *Voodoo Chile* do **Jimi Hendrix**, vira um **Baião** e passa por *Asa Branca* de **Luiz Gonzaga**. O *Ovo* do **Hermeto Pascoal**, *Trenzinho Caipira* de **Vila Lobos**, *Disparada* do **Jair Rodrigues**, *With a Little Help From My Friends* dos **Beatles** e *Whole Lotta Love* do **Led Zeppelin** completam o *pout-pourri*.

A cidade de Franca tem forte cenário de **Rock**. Havia algumas bandas que eram grandes inspirações, como **The Wanted** e **Mr. Magoo**, ainda na ativa até hoje. A amizade entre os músicos abria muitas portas. E da mesma forma que fomos ajudados, várias das bandas que atuam na cidade já abriram algum show da **Fita-Crepe** ou possuem integrantes que cresceram nos vendo tocar, o que nos orgulha muito.

FORMAÇÃO E ENSAIOS

Até hoje a **Fita-Crepe** tem os mesmos três integrantes. Mesmo em meio à adversidades, estamos juntos. E olha que desde 2011, cada um de nós mora em uma cidade diferente. Mas a banda se mantém unida e ativa. A banda nasceu sem ensaio e assim se mantém. Isso de fazer as coisas sem ensaio, cada um tirando as suas partes em casa e tocando no show, deu uma característica bastante peculiar ao som da banda. Tocamos várias músicas de bandas que possuem várias guitarras, teclados, sintetizadores, sempre no formato de guitarra/baixo/bateria. Isso faz com que as músicas soem bem características. Em 12 anos de banda acredito que houveram no máximo 10 ensaios formais. Sempre que escolhemos uma música nova, todos fazem a "lição de casa" e damos uma ensaiada rápida na passagem de som. Isso parece loucura mas, essa estratégia faz com que as músicas adquiram o DNA da banda.

SHOWS E CRIAÇÃO

Temos que confessar que as vezes, a falta de ensaio prejudica a criação. Em tanto tempo de existência, a banda conta com apenas quatro composições finalizadas, sendo que três delas foram registradas. O processo de registro de duas dessas



PAULIM CAMPOS
FOTO: ACERVO DA BANDA



DIEGO RANDI
FOTO: ACERVO DA BANDA



FOTO: ACERVO DA BANDA

músicas foi algo que merece ser citado. As músicas *Peito oco* e *Nem ví a chuva* foram gravadas quando eu, Lucas, morava em Belo Horizonte. Nas duas vezes, eu pegava o ônibus às 22:30 horas na rodoviária de Belo Horizonte, chegava em Franca às 5:30 horas. Às 9:00 horas já estávamos no estúdio. Depois de passar 12 horas por lá e finalizar as gravações, íamos direto para o bar onde faríamos o show para montar os equipamentos e passar o som. Às 23:30 horas já estávamos no palco tocando. E olha que nossos shows duram uma média de três horas! Houve uma vez em que tocamos quase seis horas sem parar! Foi em Franca. Começamos o show por volta da meia noite. com casa cheia. Por volta das 3:00 horas da manhã, chegaram cerca de 30 pessoas. Provavelmente saíram de alguma outra festa e chegaram no bar cheios de disposição. Então continuamos no palco. Quando paramos o sol já estava nascendo. Eventualmente, tocamos em outras cidades, principalmente em Minas Gerais. Já tocamos em Passos, Alfenas, São Sebastião do Paraíso. Em 2009 tocamos

na famosa Festa do 12, a festa da repúblicas dos estudantes de Ouro Preto. Já tocamos também em Batatais e Ribeirão Preto.

INFLUÊNCIAS

Cada integrante ouve coisas distintas, mas complementares. Eu tenho ouvido muito **Electric Light Orchestra, Beatles, Stevie Ray Vaughan, Jimi Hendrix** (sempre), **Scott Henderson, Paul Gilbert, Eric Gales, Stevie Wonder, Spock Frevo Orquestra, Red Fang, Freak Kitchen, Spice Girls...** O Diego tem ouvido **Primus, Elton John, Yes, Michel Camilo, Javier Malosetti, Béla Fleck & The Flecktones, RATM, Led Zeppelin, Marcus Miller, Elis Regina, Milton Nascimento, Spok Frevo Orquestra...** Paulim tem ouvido **Roy Orbison, Arctic Monkeys, Elvis, Jet, Biffy Clyro, Haim, Alabama Shakes, Joss Stone, Dave Mathews, Queens of the Stone Age, Megadeth, Bjork, Peter Gabriel, The Who...**

PLANOS

Não temos muitos planos pro futuro, mas temos o sonho de fechar um EP.

Sabemos das dificuldades, mas estamos sempre escrevendo, gravando ideias e mostrando um pro outro. Tenho certeza que muita música boa ainda vai sair! Mas planejamos continuar tocando, claro! E se me perguntam qual o segredo para manter uma banda com a mesma formação por 12 anos, digo logo o segredo: misture muita música boa com grandes amigos/músicos, adicione um pouco de comprometimento e seja feliz.

EDUARDO OLIVEIRA
Biólogo, fotógrafo e músico multi-instrumentista desde a infância. Já tocou em algumas bandas de garagem, mas ainda não desistiu de apresentar um pouco de sua música, marcada pelas influências do Rap, do Rock, do Reggae, do Samba, da MPB e dos ritmos afro-brasileiros e afro-latinos.



#Nós temos um sonho

Um canto pela juventude negra



FOTO: MESTRE NEGATIVO
LAMPARINA FILMES

“Eu tenho um sonho, que minhas quatro pequenas crianças vão um dia viver em uma nação onde elas não serão julgadas pela cor da pele, mas pelo conteúdo de seu caráter.

Eu tenho um sonho hoje!”

Martin Luther King Jr.
Agosto de 1963.

FACEBOOK

<https://goo.gl/kFsvxo>

SOUNDCLOUD

<https://goo.gl/nShTec>

YOUTUBE

<https://goo.gl/efWFW7>

O Movimento "Nós temos um sonho" é um projeto que nasceu do desejo de justiça, liberdade e igualdade de direitos, inspirado na luta de Martin Luther King. É a arte como ato de resistência contra a discriminação da população negra e os efeitos decorrentes dessa marginalização.

A violência contra a juventude negra, tornou-se, nos últimos anos, um problema de Estado no Brasil. Uma das formas de prevenir e combater a violência contra os jovens é dar visibilidade e disseminar informações para que o governo e a sociedade possam encontrar soluções e avançar no debate da questão.

O projeto idealizado pela cantora, compositora e intérprete **Luiza da lola**, de Carmópolis, Minas Gerais, tem como base fundamental a luta pelas causas do povo negro, disseminando sua mitologia e cultura e desdobramentos de sua história, atrelada ao estudo e pesquisa na música, artes cênicas, contação de histórias e performance.

"É a arte como ato de resistência contra a discriminação da população negra e os efeitos decorrentes dessa marginalização", diz Luiza da lola.

Ela ainda conta que a ideia veio a partir da notícia da chacina dos cinco jovens de Costa Barros no subúrbio do Rio de Janeiro, em 2015. Segundo levantamento do Mapa da Violência de 2014, elaborado pela Secretaria Nacional de Juventude e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, cerca de 56 mil pessoas foram assassinadas em 2012, sendo 30 mil jovens entre 15 e 29 anos; destes, 77% eram jovens negros, moradores das periferias de áreas metropolitanas.



FOTO: MESTRE NEGOATIVO
LAMPARINA FILMES



FOTOS: MESTRE NEGOATIVO
LAMPARINA FILMES



#DEIXAOEREVIVER

Ficha técnica:

Idealização:

Luiza da lola

Direção Musical:

Sérgio Pererê

Produção Musical:

Richard Neves

Técnico de som- Vozes:

Evandro Lopes

(Estúdio Sonhos e Sons)

Mixagem: Helton Lima

(Estúdio Na trilha)

Masterização:

Marcelinho Guerra

(Locomotiva)

Estúdio Sonhos e Sons:

Marcus Vianna

Fotografia:

Maxwell Vilela

Ficha Técnica Clipe :

Produzido por:

Lamparina Filmes

Direção de vídeo/Edição de

imagens:

Mestre Negoativo

Assistência de direção:

Ronilson Silva

Direção de fotografia:

Danilo Candombe



O levantamento da Anistia internacional também confirma a preocupante estatística, mostrando que mais de 23 mil jovens negros são assassinados por ano no Brasil.

A causa ganhou adesão dos artistas de Belo Horizonte e de toda região metropolitana da cidade, que contribuíram para a sua realização independente do grau de visibilidade das suas carreiras e recursos financeiros.

Uma das ações do Movimento foi a realização de um videoclipe.

O encontro de representantes de diversos gêneros da música, como o **Samba**, o **Soul**, **Reggae** e o **Rap**, resultou no videoclipe “Deixa o Erê Viver”, cuja mensagem denuncia a violência contra a comunidade negra ao mesmo tempo em que traz um olhar de esperança extremamente necessário diante do caos político-social que enfrentamos. O vídeo foi realizado pela Lamparina Filmes com a direção de **Mestre Negoativo**

O lançamento do clipe #DEIXAOEREVIVER foi um marco do movimento e contou com o músico e compositor **Sérgio Pererê** na direção musical e na composição da música, feita em parceria com a cantora **Tamara Franklin** e **Douglas Din**, todos de Belo Horizonte.

A música e o vídeo, gravados em fevereiro de 2016, ganharam um tom especial pois foi um dos últimos trabalhos do saudoso cantor e compositor **Vander Lee**, falecido em agosto de 2016, que em diversas ocasiões colocou sua música a favor das causas populares.

A gravação contou também com as participações de nomes como **Luiza Da Iola**, idealizadora do projeto, **Richard Neves** na produção musical e as com as vozes de **Celso Moretti**, **Dokttor Bhu** e **Shabê**, **Josi Lopes**, **Michelle Oliveira** do grupo **Cromosmo Africano**, **Roger Deff** do grupo **Julgamento**, **Izaque Bohr**, **Mandruvá**, **Denominado Chu**, **Bárbara Hannelore**, **Lana Black**, **Marcela Rodrigues** do grupo **Berimbrown**, **Polly Honorato**, **Eda Costa**, **Guilherme Ventura** e **Maurício Tizumba**.

Desde 2016 são realizados por toda cidade e eventos, vários pockets shows dos artistas envolvidos no projeto e outras tantas ações de cunho social e de formação cultural envolvendo a história, música, dança, arte, tradições e cultura dos povos negros. No ano de 2017 realizaram o tributo musical **#LIBERTEMRAFAELBRAGA** com o apoio do CRCP (Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado) e Fundação Mineira de Cultura, que fez parte da programação dos 120 anos da cidade Belo Horizonte. Reuniu mais uma vez, vários artistas na ação em apoio a campanha nacional pela liberdade de Rafael Braga Vieira. Preso em 2013 o jovem negro entrou para a história como a única pessoa condenada no contexto dos protestos e manifestações acontecidos naquele 2013, mesmo não se comprovando o seu envolvimento em qualquer ato ilícito ou qualquer ligação aos protestos. O caso tornou-se um símbolo da luta do movimento negro contra o racismo institucionalizado e a seletividade do Judiciário brasileiro em



FOTO:
MIDIA NINJA

relação à população pobre, negra e da periferia. Em 2018 o movimento promoveu um curso de Introdução a história da África e cultura Afro brasileira chamado **#HERANCADAMEMORIA**, em parceria com o Centro de Referência da Juventude, também na cidade de Belo Horizonte. O curso foi ministrado pelo historiador e filósofo Marcos Cardoso e teve como foco arte educadores e a formação de agentes multiplicadores de saberes.

“Queremos usar a arte e educação como instrumento de denúncia e ferramenta de transformação social.”

Luiza Da Iola

LUIZA DA IOLA
Luiza Karla de Oliveira, na afirmação de sua identidade e em honra ao poder ancestral feminino, saúda a memória de suas duas yás: “Luiza” uma saudação à mãe biológica Lúcia, a gera e dá o Asé. E da “Iola”, saudação à mãe adotiva Elvira que tinha o apelido de Iola, a cria e dá o Odu. De formação autodidata, premiada em festivais de música popular, esteve, desde a infância, inserida na cultura afro presente nos festejos de congado e nas festas de terreiro de candomblé. Dedicou-se à pesquisa rítmica e à composição com influência africana, afro latina e brasileira fundida à linguagem pop.



Fela Kuti

Por que Kalakuta continua necessária

Foto: Dseshorts Common Creatives



Do seio de uma família tradicional da aristocracia africana, envolvida diretamente com as lutas pela independência e libertação da Nigéria, é de onde veio **Fela Kuti**, nascido em 15 de outubro de 1938, em Abeokuta, capital do estado de Ogun, Nigéria. Sua mãe Funmilayo Ransome-Kuti ou Bele, era professora, ativista política e feminista que na década de 1950, lutou pelo direito ao voto das mulheres. Foi ela a primeira mulher a dirigir um carro na Nigéria, viajou para vários países socialistas, conheceu Mao Tsé-Tung e era amiga de grandes líderes pan-africanistas como Kwame Nkrumah, responsável pela independência de Ghana.

Fela Kuti viveu até os 58 anos, inventou o gênero musical chamado Afrobeat, gravou mais de 70 discos, fundou uma república, a Kalakuta, se candidatou à presidência da Nigéria e ainda é considerado mito do pan-africanismo, movimento que busca o desenvolvimento, unidade e a solidariedade entre os países do continente africano. Os dirigentes do governo da Nigéria, ao longo dos anos 1970 e 1980, não aceitavam críticas direcionadas ao regime ditatorial. Os choques entre Fela e os governantes da época se arrastaram-se por anos e culminaram na tragédia de 18 de fevereiro de 1977, quando cerca de mil soldados invadiram a comunidade independente de Kalakuta. Fela acumulava espancamentos, ossos quebrados e cicatrizes e toda vez que ia preso ou quando seu povo era vítima da repressão, sua resposta às agressões vinham na forma de músicas.

No final dos anos 70, quando não havia eleições diretas no país, Fela Kuti fundou seu próprio partido político, o "Movimento do Povo" (Movement of the People) e lançou-se em campanha para presidente da Nigéria. No entanto, sua candidatura foi recusada pelas autoridades da época. Mesmo assim, Fela ainda acreditava que os espíritos iriam ajudar o povo africano a se levantar contra os governos corruptos.

Dentre fatos que chamam a atenção em sua vida, destaca-se seu casamento com vinte e sete mulheres, numa mesma cerimônia, em 1978, na qual marcou o aniversário de um ano do ataque à República de Kalakuta.

CANAL OHM YOUTUBE
<https://goo.gl/c3DBSD>

As "Rainhas", como Fela as chamava, eram cantoras e dançarinas de sua banda **Afrika 70**.

O seu despertar para as questões políticas e raciais culminou com a criação do **Afrobeat** que surgiu com letras de protesto. Musicalmente reuniu **Jazz**, **Soul** e **Highlife**, música tradicional originária de Ghana.

Numa viagem aos Estados Unidos, em 1969, Fela conheceu a cantora Sandra Izadore, que era militante do Partido dos Panteras Negras. Ela introduziu **Fela** ao pensamento de Malcolm X e de outros tantos líderes do movimento negro.

O **Afrobeat** criado por **Fela** possuía canções de até 20 minutos, com conteúdo de protesto. O fato de serem cantadas em pidgin (inglês mesclado a outros dialetos) era considerado totalmente fora dos padrões da indústria fonográfica mundial, fato que não impediu que sua fama se espalhasse dentro e fora da África.

Ao longo de sua carreira gravou mais de 70 discos e realizou turnês no Estados Unidos e países da Europa.

Sua luta fez com que ele continue como um símbolo.

Nas últimas décadas, sua biografia e obra se equipara a de ícones da música negra, como **Bob Marley** e **James Brown**.

Em 2010, sua biografia foi adaptada para o musical "Fela" para a Broadway, sob a produção de **Will Smith** e **Jay-Z**.

Sua biografia autorizada "This bitch of life" publicada em 1982, pelo cientista político cubano Carlos Moore, possui edição nacional e foi lançada no Brasil em 2011, pela editora mineira Nandyala, com título "Esta Vida Puta" e com prefácio assinado por **Gilberto Gil**.

DJ Rafael Roots e DJ Leo Olivera em uma homenagem à Fela Kuti e ao Afrobeat, no Fela Day 2017, em Belo Horizonte.

Ao fundo imagem da peça Fela, na Broadway, Estados Unidos

FOTO: SOL BRITO

República de Kalakuta

A República Kalakuta foi uma comuna criada nos arredores de Lagos na Nigéria. Lá foi criada uma clínica de saúde gratuita, além das instalações do estúdio de gravação e produtora musical cooperativa.

Kalakuta é a materialização de uma confluência de ideias, fatos, ações e momentos de uma época singular para a tomada de consciência mundial do que era (e ainda é) a sociedade em que vivemos.

Ela teria que acontecer na África e ter sido criada por alguém que conheceu o mundo dos brancos (**Fela Kuti** estudou medicina na Inglaterra).

Teria que ser criada pela influência de um povo, negro, que sofreu diretamente com a diáspora, com a escravidão, e o afastamento de sua história e cultura originais. Teria que ser criada por alguém da música.

E teria que através da música desmascarar a falsidade, o abuso e a opressão sofrida por seu povo, despertando ainda a vontade de se revoltar e de se corrigir erros.

Kalakuta teria que se tornar independente e mostrar que os sistemas são criações e não estados (estados de espírito, estados de querer. Esses estados que não se consegue quebrar).



Kalakuta durou pouco, mas ainda existe. Nela repousa experiência impar sobre relações possíveis entre música, ativismo político, pan-africanismo e anti-imperialismo, pois nela está o sonho que levou um músico a causar um enorme impacto global, particularmente desde que a criação do Afrobeat, revolucionando a música mundial, o academicismo africano e a representação da África e sua diáspora.

A música de **Fela** foi criada com uma relação muito próxima e respeitosa com a devoção da cosmologia e iconografia religiosas do povo Yoruba e seus rituais, música, dança, teatro e poesia. Vem disso os corpos vivamente pintados de suas dançarinas, as venerações dos espíritos ancestrais de proteção dos seus músicos, o papel de protetor do “pai” em relação às mulheres (vinte e sete) e de toda sua estética visual.

Esta manobra artística de **Kuti**, baseada na raízes culturais africanas, refletia seus princípios e concepções de nacionalismo e “nativismo”.

A ideologia criativa musical de **Fela Kuti** se tornou uma das primeiras e mais importantes expressões contemporâneas das glórias e proezas das civilizações clássicas da África. Essa articulação tornou-se o foco expressado pela sua narração musical, centrada na cultura, identidade, política e formas de vida no continente. Ele usou a música para descolonizar a educação e criar uma conscientização da grandeza de África; um desenvolvimento diametralmente oposto da condição pós-colonial. Gravar suas músicas em pidgin, apropriando e desconfigurando o idioma do colonizador nos ajuda a entender seus objetivos. E nessa hora é importante citar o conselho que Bele, sua mãe, lhe disse:

“Comece a tocar música que sua gente entenda e não o **jazz**”

A criação de sua estética musical foi a revelação dos seus sentimentos de utopia africana e criou uma união com músicos afro-americanos legendários como **George Clinton**, (e toda sua representação negra relacionada ao **Hip Hop** e ao **Funk** original) e como **Sun Ra** (e toda sua representação negra relacionada ao **Jazz** e às experimentações **Be Bop**) Dessas relações, surgiu o verdadeiro Afrofuturismo e a verdadeira expressão jazzística africana.

Kalakuta chamou a atenção para a questão de descolonização das mentes da população negra, assim como da dominação ocidental na África. Mostrava que para se acabar com a dominação ocidental da África, teriam de retomar o controle da história e conduzir o continente para longe de onde o ocidente gostaria que ele permanecesse. Mas somente por uma iniciativa cultural e histórica de todos os africanos. Propunha um olhar à experiência africana livre de perspectivas históricas colonialistas.

Por isso precisamos de mais Kalakutas!

Porque precisamos aprender a declarar certas independências!



Independências essas, nas quais os mundos político, mercadológico e do colonizador são identificados, apropriados, repensados, transformados e descartados em prol de respeito e igualdades sociais, raciais e de gênero.

Porque precisamos aprender a verdadeira função da música que denuncia, conscientiza e une em prol das mesmas igualdades e respeitos.

Porque precisamos deixar rastros e pegadas aos mais novos para que nunca esqueçam os valores e extensões das artes.

Precisamos de mais Kalakutas porque ainda hoje o preconceito ganha forças retrógradas muitas vezes camufladas de tecnologia ou expressões artísticas, mas cada vez mais direto e opressivo

Texto produzido originalmente para a revista
Canjerê do Instituto Casarão das Artes,
Belo Horizonte.

REVISTA CANJERÊ
<https://goo.gl/6x5wGm>

Referências bibliográficas

MOORE, Carlos. Fela: Esta vida puta. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

CALADO, Carlos. O Jazz como espetáculo. São Paulo, Perspectiva, 2007.

WILLIAMS, Richard. Kind of Blue: Miles Davis e o álbum que inventou a música moderna, Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2011.

À volta da fogueira:

ao sabor das músicas de África e do mundo



LADYSMITH BLACK MAMBAZO
FOTO ACERVO DO AUTOR

A música mais do que uma reunião de vozes, que resume de forma subtil, hábitos, costumes, jeitos e características de um povo, é também um meio pelo qual as pessoas se unem, celebrando qualquer que sejam os motivos, ou mesmo que não haja, ela própria tem o poder de converter qualquer momento em uma celebração marcante e peculiar.

Apesar de Moçambique, e o mundo em geral estarem a atravessar um período de crise política, social e económica, a música acaba sendo uma ferramenta e

um meio pelo qual as diferenças, as desigualdades, as opiniões se juntam, sem colocar em causa as diferenças étnicas, sociais, ideológicas e religiosas. Por outro lado são um verdadeiro antídoto para as mazelas e os variados momentos da vida de um indivíduo ou povo. Como se diz geralmente, que os momentos de crise são um verdadeiro momento de criatividade, de facto, a exemplo disto: se partirmos da própria palavra crise e lhe retirarmos o S dos sarilhos, ficamos com crie, criatividade, crescimento entre outras palavras não menos importantes.

Por outro lado, a necessidade ou ausência de algo, abre espaço para a criação de alternativas.

E para não fugir à regra, desta feita o ano de 2018, a organização dos festivais, trás consigo o circuito de festivais, que este ano veio mais recheado com criatividade, inovação e com outros aportes que fazem toda diferença.

Não constitui dúvidas para ninguém, tanto internamente como além fronteiras sobre a coesão, a qualidade e a versatilidade que estes festivais apresentam a cada ano que passa. Com melhorias a nível de organização, gestão, participação; importa ainda destacar a riqueza do repertório apresentado, e com isso a abertura para o mercado mundial da música, promovendo o turismo nacional e não só. Uma das formas pela qual isso torna-se possível, é através da criação do circuito **IGODA**, do qual fazem parte o **Festival Azgo** (Maputo, Moçambique), que se integrou recentemente, o **Bassline África Day** (Johanesburgo, África do Sul), **MTN Bushfire** (Malerns, Swazilândia); **Sakifo** (Saint Pierre, Ilha Reunião) e **Zakifo Festival** (Durban, África do Sul), como membros fundadores.

Trata-se de uma parceria nascida da **Rota Firefest**, com o objectivo de proporcionar oportunidades para, através da música, alimentar o circuito do turismo cultural no continente.

IGODA, que é uma palavra Zulu, que significa “ nó” ou “unir”, tem um conceito único, e inovador, e une justamente os melhores festivais de música de África Austral, com vista a criação de um dos primeiros circuitos de digressão cultural pelo continente africano.

Este circuito, representa um importante progresso, para comunidade artística, local e internacional, para outros profissionais da área, fãs de música, apresentando uma oportunidade marcante, de poder circular pela região, celebrando a música e participando nesta festa de linguagem universal.

FESTIVAL AZGO

Começamos com o que melhor serve para fazer a transição entre Moçambique e Swazilândia, por meio do **Festival Azgo**, uma corruptela do verbo go, que em gíria popular quer dizer vamos, vamos revistar as nossas raízes e património, vamos promover a diversidade cultural... let's go, como escreve no seu site. **Azgo** é o mais conceituado festival internacional de artes de Moçambique, que reúne para além de música, dança, cinema, com forte enfoque nos artistas de Moçambique e do continente africano. O festival, na sua oitava edição, serve também como uma plataforma, através da qual artistas emergentes actuam e partilham o mesmo palco da sua experiência com os aclamados. O mesmo decorreu no dia 19 de maio de 2018, no espaço do Campus da Universidade Pública Eduardo Mondlane, que leva o nome do primeiro presidente do partido no poder, chamado arquitecto de nação.

À excepção dos anos anteriores, este ano a edição ocorreu em apenas um dia, concentrando todas as actuações e actividades num só dia, sendo que nos anos anteriores for a sempre repartido em dois dias.

CANAL OHM YOUTUBE

AZGO – PLAYLIST

<https://goo.gl/XMVZxA>

CANAL OHM YOUTUBE

AMOR A CAMISOLA – PLAYLIST

<https://goo.gl/z1LLE3>

FACEBOOK

MAURO BRITO

<https://goo.gl/yu1XtK>



FOTO ACERVO DO AUTOR



KAPA DECH
FOTO ACERVO DO AUTOR

Acrescido a isso, houve mais uma vez o **Azgo Dialogar**, com tema como “Financiamento e Gerenciamento no Sector Cultural”, e “Direitos Conexos, (publicação, comercialização da música e plataformas digitais). Antecedeu os concertos e teve lugar no Centro Cultural Franco Moçambicano, tendo sido um momento de encontro entre artistas, produtores, agentes, gestores culturais e outros actores ligados à Música, com o objetivo de discutir e repensar a indústria musical, a interação dos vários agentes, os prós e contras, como rentabilizar e criar um cadeia de valores à volta deste tópico. O mesmo teve a participação de vozes marcantes como José da Silva, agente e produtor da diva dos pés

descalços **Cesária Évora**, e agora de **Elida Almeida**, de David Alexander, Ben Oldfield (The Orchard), Gillian Ezra (Deezer), plataformas fortes no panorama internacional da música, que deixaram seu valioso contributo, para o ganho global da arte de cantar e encantar.

Adicionado a isso, foi organizada uma exposição com Youri Lenquette, com capas Africanas, uma exposição fotográfica; trata-se de uma mostra composta de retratos de vários músicos com quem o jornalista aposentado vem trabalhando nos últimos 30 anos. São capas de álbuns, cartazes de concertos, capas de revistas, feitas pelo francês que foi fotojornalista, um pouco por todo mundo.

O portfólio de Youri Lenquette conta com documentários de artistas de gabarito como **Sergent Garcia**, **Youssou N'Dour**, **Yuri Buenaventura**,

Havana Cultura. Aclamado desde o início da carreira, em 2014 apresentou em Paris a mostra “The Last Shooting” com os registos da última sessão de fotos de **Kurt Cobain**. Azgozito, uma componente infantil do festival com parte de orquestra da Escola de Comunicação e Artes e a **Banda TP50**, foi o espaço de interação, ensino e partilha de conhecimentos para com os mais pequenos.

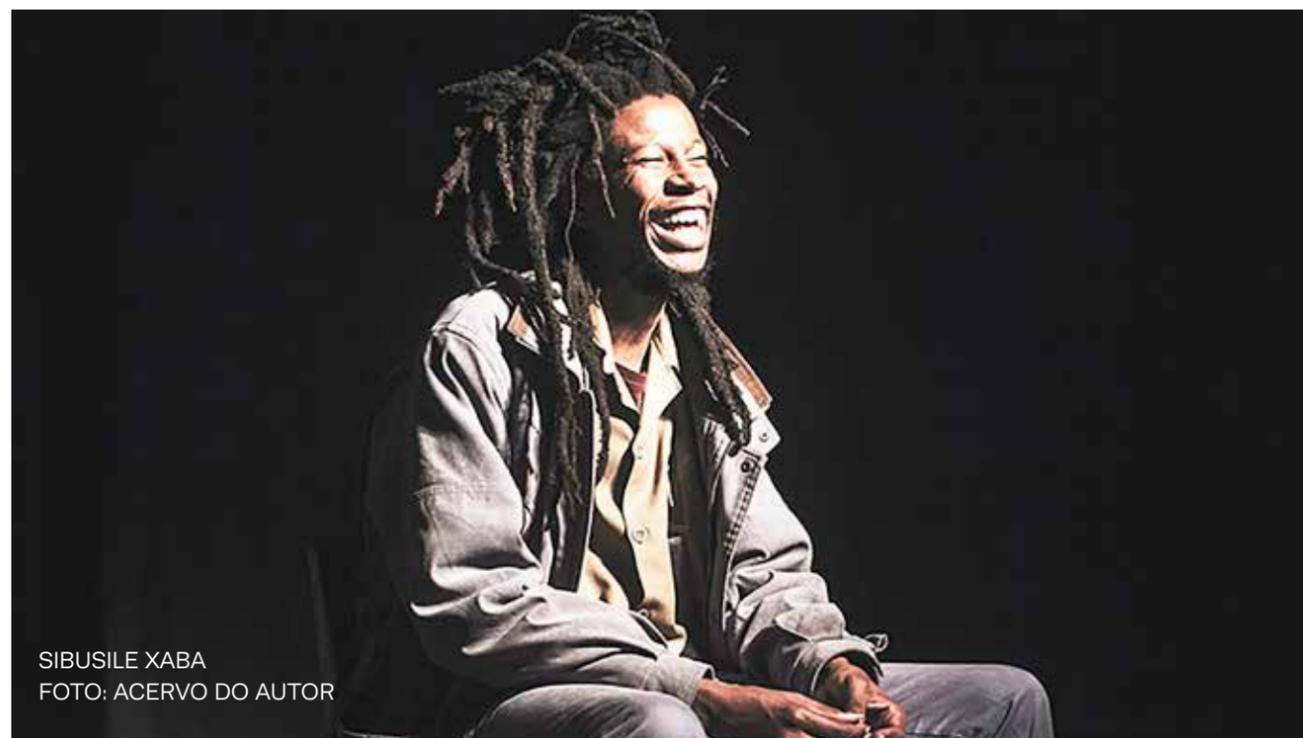
As actuações contaram com a banda **Kapa Dech**, que marcaram o seu regresso ao palco, revisitando o seu naipe composto pelas suas músicas históricas como “Tsuketani”, embora com novos membros, sem com isso perder a espinha da sua marca musical, mexida e ritmada, souberem representar à altura do nome que carregam. **Sara Tavares**, com a sua veia crioula, navegou até Maputo, e trouxe os sabores de Cabo Verde na sua bagagem, depois de

uma longa paragem, fora de palcos, recordou “Balance”, “One Love”, cantando em crioulo cabo-verdiano e em português. Do Brasil chegou a **Flávia Coelho**, a abrir o festival, com os temas “Por cima”, “Periferia”, fazendo uma ponte entre estes dois países irmãos, separados apenas fisicamente pelo oceano Atlântico. Seguiu-se a voz de **Nathale Natiembe**, a banda de **Afro Raggae Granmah de Moçambique** e **Kommanda Obs**, apresentando pela primeira vez as suas músicas. De Portugal **Valete**, há muito esperado pelo público, que já se habituou as suas rimas acutilastes e com tom revolucionário, cimentando a posição que o rap ocupa no espaço geográfico de Moçambique. Por último o saxofonista sul africano **Hotstix Mabuse**, **Manu Sija** da Argentina e por fim **Dj Lag**, pesos pesados da música internacional, alguns bem conhecidos em Moçambique, com o nome já feito.

AMOR À CAMISOLA

Virando a página, aportamos no campo do **Hip-hop**, representado pelo **Festival Amor à Camisola**, um festival de **Hip-hop** que é um encontro annual da juventude. Importa referir que este festival não faz parte de circuito algum, contudo, já é um marco nacional e vai-se destacando pouco a pouco no tráfego internacional do **Hip-hop**. Este para além da música congrega outras disciplinas como o skate, basquetebol de rua, debates, workshops. O foco do mesmo é a celebração da voz da juventude, a diversidade cultural e as diferentes manifestações culturais e artísticas que a sociedade oferece. Não é por acaso que o lema do festival é **Hip-hop 100 Violência**. Idealizado pelo rapper, produtor e activista social **Simba Sitoi**, o destaque desta sua terceira edição foram o rapper americano **Skyzoo**, que participou pela segunda vez, que aproveitou a oportunidade para apresentar parte do repertório do seu recente álbum "In Celebration of Us". Participaram também, o promotor e agente da **Def Jam Mazzi**, **Pharoahe Monch**, que fez recordar seus temas tocados nos primórdios dos anos 2000, o Dj sul africano **Khenzero**, a rapper e activista **Iveth**, o inconfundível **Shackal** que subiram ao palco e deixaram as suas marcas, levando o público ao rubro, numa noite em que as baixas temperaturas desafiavam o público.

Para além do concerto em si, o festival também teve sessões de workshops sobre a identidade moçambicana versus moda **Hip-hop** e uma master classe sobre como projectar uma carreira, que foi acompanhado pelos produtores Paulo Chibanga do **Festival Azgo**, e **Bang Entretenimento**, como um momento de partilha de experiências, deixaram ficar as suas opiniões, com base na experiência que tem ganho.



SIBUSILE XABA
FOTO: ACERVO DO AUTOR

MTN BUSHFIRE FESTIVAL

Para encerrar a temporada dos festival nesta parte do oceano Índico, avançamos para a terra dos Zulu's onde, de 25 a 27 de maio passado, decorreu na Suazilândia, um dos mais reconhecidos festivais regionais e africanos de música e artes. O **MTN Bushfire Festival**, considerado um dos 30 festivais internacionais de topo, na lista **Everfest Fest 300**. Combinou artes, cultura, artesanato e zonas especiais e em três dias reuniu mais de 50 artistas de todo o mundo, incluindo os moçambicanos **Timbila Muzimba** e os **Kapa Dech**. O **MTN Bushfire** é também conhecido por acolher uma audiência de que fazem parte, cada vez mais, moçambicanos, dado sobretudo à proximidade fronteiriça. Sem deixar de mencionar a partilha milenar de laços históricos e culturais inseparáveis pelas fronteiras físicas.

Actuaram no festival nomes lendários da música africana como **Salif Keita** e **Ladysmith Black Mambazo** e os emergentes **Sibusile Xaba** e **Samthing Soweto** e entre o público estiveram milhares de participantes.

Isto é apenas a ponta do icebergue do que o contingente mãe-África tem para oferecer, estas são sementes já lançadas à terra. Com a herança muito bem entregue. Porque acredita-se que a verdadeira transição e passagem de testemunho é feito no espírito do Ubuntu, sou porque és, sejamos... viva a Música!



SHACKAL
FOTO: ACERVO DO AUTOR

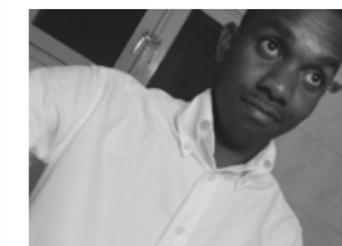
MAURO BRITO

Literalmente, pois o seu humor e a sua disposição é a de quem se desloca, se possível nas nuvens. Portanto, quando tirou o brevet e se tornou piloto experimental de aeronaves é como se a casa tivesse encontrado o seu inquilino. Também estudou contabilidade e auditoria, mas esse foi ensejo traído pelo espírito digressivo que empresta aos livros infantis que vai escrevendo.

Acabou agora de sair o primeiro, *Passos de Magia ao Sol*, ilustrado por Bárbara Marques e editado pela Escola Portuguesa de Moçambique.

A sua poesia é elíptica, concisa e epigramática, e promete cumprir-se num pleno de singularidade, chegado o amadurecimento que ainda persegue. Porém, é uma voz a seguir com justa atenção. Colabora em vários jornais e revistas, como a *Missanga*, a *Blecaute* ou a *Literatas*, que tem sido o viveiro de onde despontaram vários poetas da sua geração.

É um militante empenhado do activismo ambiental.



OHM::FOTOGRAFIA

ADRIANA S. PONTES

José Luis Pederneiras

Belo Horizonte, Minas Gerais

O fotógrafo **José Luiz Pederneiras** materializa em imagem a sutileza da movimentação provocada pela música nos corpos. Sendo sua trajetória permeada pela dança e música, suas fotos alcançam o momento exato do tempo, o instantâneo.

Inicia sua carreira nos anos 70, momento de grande efervescência cultural em Minas. Tempo dos salões de artes visuais mineiros e dos festivais de inverno de Ouro Preto. Grupos de jovens se reuniam para produzir cultura, teatro, dança, cinema. Neste contexto surge a companhia de dança **Grupo Corpo**, na qual José Luiz participou como um dos fundadores e onde se estabeleceu como fotógrafo.

A oportunidade de se apresentar em diversos locais pelo mundo aguçou o desejo de registrar em imagens tanto os lugares por onde passava como o próprio ambiente da companhia.

EDIÇÃO DA FOTO: ESTUDIO BORDA

CANAL OHM YOUTUBE
<https://goo.gl/rb7jbk>



GRUPO CORPO
BRAZILIAN DANCE THEATER

Em 1976 em parceria com o músico e amigo **Tavinho Moura**, recebe o 1º prêmio do festival global de inverno, pelo audiovisual "Paixão e Fé". O Prêmio incentivou-o a buscar novos horizontes. Seu desejo de trabalhar com a imagem em movimento do cinema levou-o a morar no Rio de Janeiro, mas foi o trabalho da fotografia com a música que o fixou na cidade, onde trabalhou em diversas gravadoras sendo contratado para produzir e registrar inúmeras capas de disco, fotos de shows e gravações ao vivo de artistas da música popular brasileira.

A capacidade de observar a movimentação sutil da dança associada ao ritmo da música treinou o olho do fotógrafo e a destreza da mão para registrar o momento preciso. **José Luiz** registra com sua câmera o que vai além da vista, usa seu olho, mão, tronco e pernas, joga-se inteiro diante de seu alvo. Como diz Luiz Camillo Osório, crítico de arte: "Nada surge sem a entrega do corpo, sem a repetição quase infinita do gesto, sem que os movimentos adquiram precisão sem consciência de si." Com a transformação da indústria fonográfica, o fotógrafo afastou-se um pouco dos registros dos artistas, porém permaneceu fiel ao palco da dança consolidando um potente trabalho junto ao **Grupo Corpo**.

Neste longo percurso **José Luiz** consolidou a sua carreira na fotografia, e hoje dedica-se a projetos de caráter autoral, desenvolvendo temas ligados à passagem do tempo, memória e paisagem. Seus trabalhos são exibidos em diversas instituições de arte.

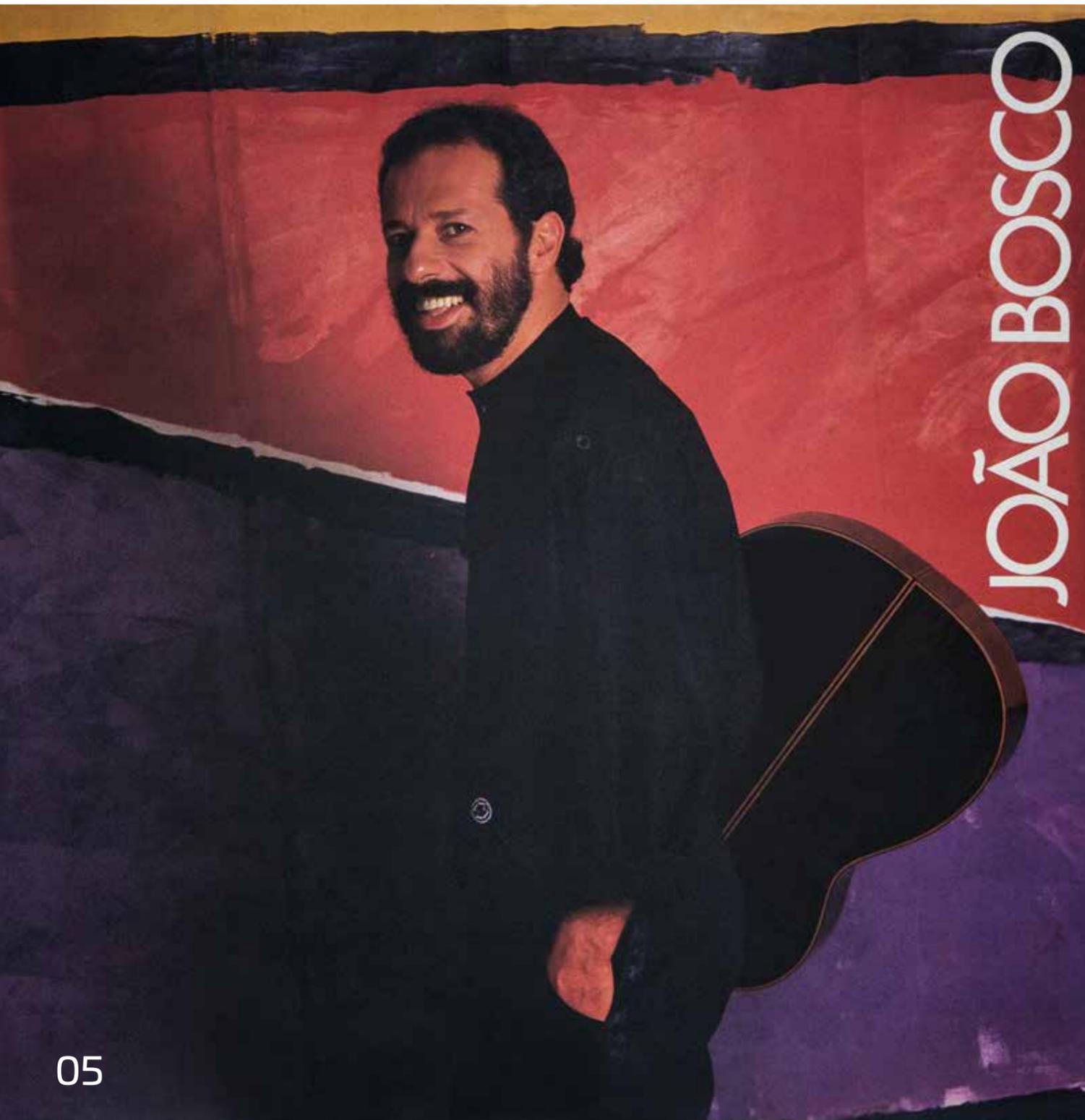


01 - Na página anterior, cartaz de apresentação do **Grupo Corpo**.

02 - Capa dupla do segundo álbum do grupo mineiro **14 Bis**, intitulado **14 Bis II**, 1980.

03 - Capa do álbum **Sem Mim**, para peça do **Grupo Corpo**, com música de **Carlos Núñez** e **José Miguel Wisnik** (sobre obra de **Martín Codax**), 2011.

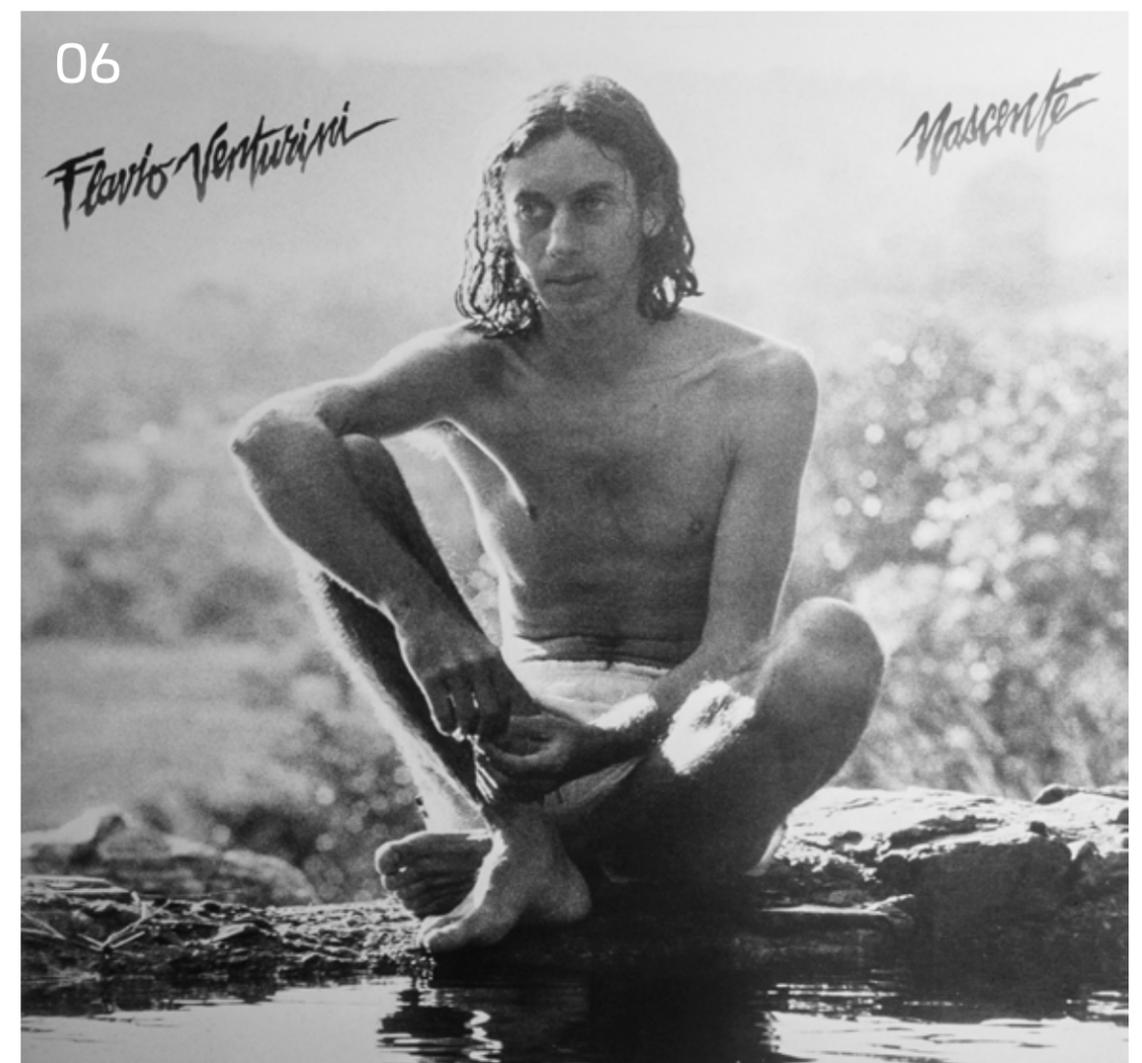
04 a 07 - Cartazes da peça **Nazareth** do **Grupo Corpo** com **José Miguel Wisnik** (sobre obras de **Ernesto Nazareth**), 1993.

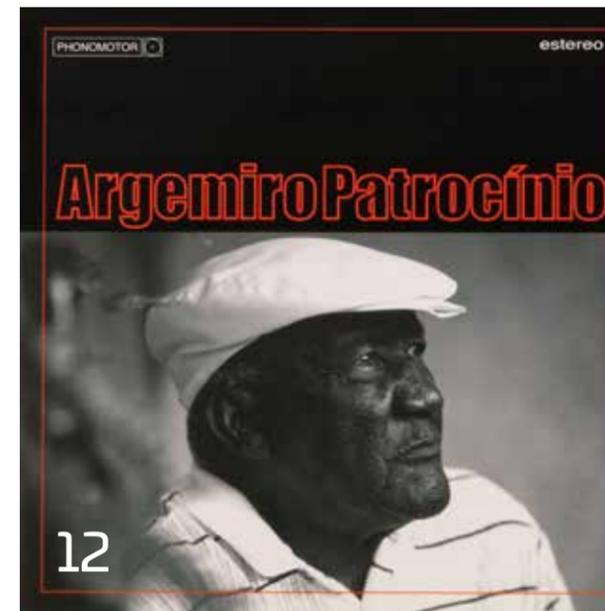


05 - Capa do álbum Cabeça de Nego, de **João Bosco**, 1986.

06 - Capa do primeiro álbum solo de **Flávio Venturini**, intitulado Nascente, 1982.

07 - Capa do álbum Menina, de **Lisa Ono**, 1991.





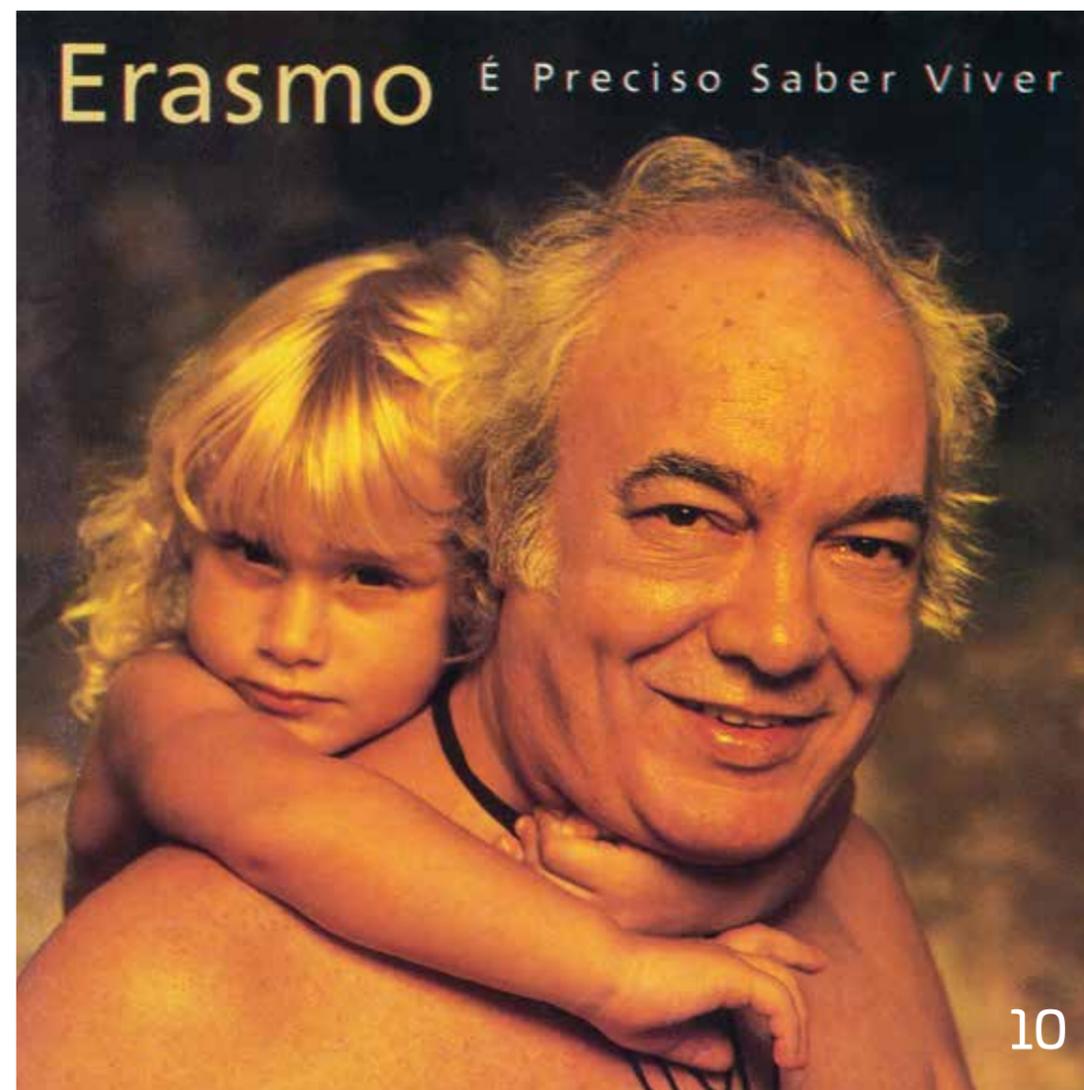
08 – Capa do álbum Olhos do Coração de **Tunai**, 1983.

09 – Capa do álbum Beija-flor de **Flávio Venturini**, 1996.

10 – Capa do álbum de **Erasmus Carlos**, intitulado É Preciso Saber Viver, 1996.

11 – Capa do segundo álbum epônimo e quarto de estúdio da cantora **Jane Duboc**, 1987.

12 – Capa do álbum **Argemiro Patrocínio**, do cantor, compositor e pandeiro de mesmo nome, também conhecido com **Argemiro da Portela**, 2002.



ADRIANA LEITE
É designer, Doutora em Engenharia de Produção e Mestre em Design. Atuou por muito tempo como figurinista e hoje é professora nos cursos de Design da PUC-Rio e UFMG. Tem profundo interesse pela confluência entre as artes plásticas e o design.



PONTES DO AFETO

A circulação da música brasileira em Portugal



Essa matéria é um recorte da tese de doutorado que desenvolvo no âmbito do Instituto de Etnomusicologia da Universidade Nova de Lisboa (INET/FCSH/UNL), acerca da indústria do espetáculo e a música brasileira em Portugal. Entre 2008 e 2010, viajei por todo o país durante o verão, época dos festivais de música e de maior circulação de turistas e estudantes estrangeiros, entrevistando músicos, agentes e produtores culturais, donos de casas de espetáculos e frequentadores dos espaços de troca, fruição e promoção da cultura brasileira.

Há muito, a cidade de Lisboa, com cerca de três milhões de habitantes, é conhecida por sua multiculturalidade marcada pela presença de imigrantes africanos e brasileiros. A diversidade cultural lisboeta também tem a marca dos imigrantes indianos, paquistaneses, marroquinos, chineses e, mais atualmente, dos povos do leste europeu.

A prática das manifestações culturais na contemporaneidade tem gerado a construção de redes de sociabilidade, sejam elas locais ou transnacionais.

A partir daí, desenvolvi algumas ideias acerca de expressões culturais como o samba, o choro, o forró e o maracatu e os espaços criados por portugueses e imigrantes brasileiros na cidade de Lisboa e entorno. Considerando que em Portugal reside a maior comunidade brasileira na Europa, estudos sobre os espaços da música brasileira no país são relevantes para subsidiar o desenvolvimento de políticas culturais que melhorem o fluxo musical entre Brasil e Portugal com abrangência à diversidade musical brasileira.

Um pouco da história: das telenovelas à indústria do espetáculo

Não é novidade que a música brasileira encontra grande ressonância em terras portuguesas através da indústria do espetáculo. Em um primeiro momento, essa visibilidade teve como protagonistas nomes como **Carmen Miranda**, **Yara Rodrigues**, as irmãs **Dircinha** e **Linda Baptista**, a dupla **Alvarenga e Ranchinho** e a **Orquestra Fon-Fon**. Na segunda metade século XX, esse movimento foi intensificado com a presença do músico **Sivuca**. A partir da década de 80, as telenovelas foram o principal canal de propagação da música popular brasileira, incluindo a música de vertente regional ainda não midiaticizada no Brasil. Gabriela Cravo e Canela, a primeira telenovela brasileira exibida em Portugal, trouxe ao conhecimento do país a voz da cantora **Gal Costa** na música Modinha Para Gabriela. Podemos listar aqui um grande número de artistas brasileiros que ficaram conhecidos do grande público português através das telenovelas.

Dentre eles, destacamos: **As Frenéticas** (Dancing Days, 1980); **Pepeu Gomes** e **Baby Consuelo** (Água Viva, 1982); **Ney Matogrosso** (Belíssima 1983); **Nara Leão** (A Sucessora 1985); **Elba Ramalho** (Roque Santeiro, 1987).

Esse movimento que se irradiou pela década de 80 em diante, levou aos palcos portugueses músicos como **Edu Lobo**, **Ivan Lins**, **Paulinho da Viola**, **Beth Carvalho**, **Baden Powell**, **Luís Gonzaga**, **Alceu Valença**, **Gonzaguinha**. Nesse período, o circuito dos festivais e os concertos realizados pelo Casino Estoril apresentaram ao público português nomes de destaque como **Egberto Gismonti**, **Fafá de Belém** e **Roberto Carlos**, dentre outros.

Diferentemente de Portugal, países como França, Alemanha, Reino Unido, Espanha e Dinamarca possuem um número significativo de grupos organizados com apoio institucional local. Muitos desses grupos recebem incentivo que possibilita que a nossa música circule também por países europeus vizinhos. No caso de Portugal, país onde os imigrantes em situação regular, totalizavam em 2009, 451.742 indivíduos, com destaque para a comunidade brasileira, que contava 115.742 cidadãos (Anuário Estatístico do Instituto Nacional de Estatística/2009), existe um grande distanciamento dos órgãos oficiais e instituições em relação à propagação da cultura brasileira no país. Nesse contexto, escolhi mapear as cenas musicais nascidas nos circuitos alternativos de produção, divulgação e consumo de música brasileira. Reflexo do fluxo migratório da última década esses novos imigrantes, em sua maioria estudantes universitários de classe média em busca de especialização (mestrado/doutorado) e de experiências de vida no exterior, irão estabelecer uma nova dinâmica às trocas culturais entre os dois países e redesenhar a nova cena da música brasileira em Portugal.

Noites de tertúlias em Lisboa

No ano de 2008, encontrei no Tejo bar, situado em Alfama, bairro da antiga boemia lisboeta, o meu primeiro porto para a pesquisa. Frequentado por jovens portugueses e por estudantes estrangeiros, esse pequeno espaço, criado pelo brasileiro Mané do Café, tornou-se em pouco tempo o reduto da música brasileira dos mais variados estilos. As noites de tertúlias no Tejo bar contam sempre com a presença de músicos brasileiros de passagem pela Europa. No Tejo bar não se toca apenas **Bossa Nova** ou clássicos da **MPB**, há sempre a possibilidade de se ouvir diferentes gêneros. Já passaram por lá o percussionista **Marco Suzano**, **Roberta Sá**, **Yamandú Costa**, o baterista **Robertinho Silva**, integrantes do **A Barca** (SP), **Marcelo Preto** do **Barbatuques** (SP), músicos do **Monobloco**, o compositor carioca **Mú Chebabi**, o percussionista **Bernardo Aguiar** (**Pife Muderno/Pandeiro Repique Duo**), dentre outros.



Noite de samba e feijoada no Quilombo Santiago
FOTO: ACERVO DA PESQUISA DA AUTORA

Sambe, você está em Sesimbra!

Este poderia ser o outdoor na entrada de Sesimbra, cidade a trinta quilômetros da capital portuguesa. Tal afirmação tem um motivo pertinente, a música do carnaval carioca é ouvida durante todo o ano nas casas da pequena cidade. E não é à toa, ali está localizado o Grêmio Recreativo Escola de Samba Bota no Rego. A Bota, como é conhecida, fundada em 1976 é a escola de samba mais antiga de Portugal. Segundo seus membros, a cidade se orgulha de já ter sido visitada por **Dona Zica**, viúva do compositor **Cartola**, e é conhecida como "cidade irmã do Rio de Janeiro". Anualmente, seus diretores viajam ao Brasil para a compra de fantasias e instrumentos e participação nos ensaios das escolas de samba do Rio.



Sesimbra Carnaval 2018
FOTO: ACERVO DA PESQUISA DA AUTORA



Bota no Rêgo
FOTO: ACERVO DA PESQUISA DA AUTORA

Em Sesimbra encontramos ainda outro refúgio do **Samba** em Portugal, o Quilombo Santiago.

A pequena garagem de uma casa foi decorada como se fosse um barraco do morro da Mangueira.

Todo pintado de verde e rosa, o espaço tem fotografias nas paredes dos grandes compositores mangueirenses. Seu proprietário, Ronaldo Nunes, português filho de brasileiros, promove disputadas noites de feijoada e **Samba** para um público seletivo, em sua maioria, portugueses, que são convidados pessoalmente pelo anfitrião.

Por lá, já passaram o cantor carioca **Marcos Sacramento**, o músico **Marco Suzano** dentre outros.

É Ronaldo que afirma: "Em Sesimbra há um ex-líbris fundamental, quando a população gostou do modelo da escola de samba, se entregou para o seu desenvolvimento. Na casa de todo sesimbrense é mais fácil você encontrar discos de **Samba** do que de música portuguesa".

O Choro

Sobre o choro, vale primeiramente ressaltar que em Portugal esse gênero é dançado e cantado. O formato de um espetáculo de choro em Portugal é muito diferente do que se entende como evento de choro no Brasil. Os famosos bailaricos promovidos pelo grupo **Roda de Choro de Lisboa** convida toda a "malta" para dançar.

Outro grupo de choro em atividade em Lisboa é o **Raspa de Tacho**. Composto por brasileiros e com apenas um português no grupo, o **Raspa** gravou dois CDs e têm em seu repertório basicamente os clássicos do choro brasileiro além de algumas composições autorais.



Grupo Roda de Choro de Lisboa
FOTO: ACERVO DA PESQUISA DA AUTORA

NOITE EM LISBOA

<https://goo.gl/aRjuyj>

SAMBA EM SESIMBRA

<https://goo.gl/HdAhm4>

O CHORO

<https://goo.gl/PgEW3a>

O FORRÓ

<https://goo.gl/2mKXmw>



Chamada para os Bailaricos da Roda
FOTO: ACERVO DA PESQUISA DA AUTORA

O Forró

O gênero ensaia seus passos em Portugal há mais de uma década com a chegada de brasileiros que, inicialmente, foram atrás dos euros da construção civil e outros serviços. Mas foi na última década, que o gênero ganhou contornos de atividade profissional. Nesse universo destaca-se o músico mineiro **Enrique Matos**, nascido em Conceição do Mato Dentro (MG). O jovem músico e empreendedor arrendou um grande espaço no centro de Lisboa denominado Espaço Baião, onde coordena as oficinas de dança e produz efervescentes noites de forró e shows e realiza, anualmente, o **Baião in Lisboa Festival**, que reúne bandas de forró de todo o continente europeu.



Enrique Matos, o mineiro do Espaço Baião de Lisboa
FOTO: ACERVO DA PESQUISA DA AUTORA



Forró da Avenida da Liberdade
FOTO: IRINEU MARTINS



FOTO: ACERVO DA PESQUISA DA AUTORA

O Forró

desterritorializado também faz suas adaptações. Os eventos acontecem em espaços públicos como miradouros e avenidas. São bastante conhecidos os forrós do Miradouro São Pedro de Alcântara e da Avenida da Liberdade.

O Maracatu

Em Portugal, o movimento começou na década de 80 com a chegada do dançarino Pedro Queiroz, ex-integrante do grupo **Nação Pernambuco**.

O artista foi um dos primeiros responsáveis pela divulgação da cultura nordestina.

Mas se passaram trinta anos para surgir em Lisboa o primeiro grupo de **Maracatu** de Portugal.

O encontro de percussionistas brasileiros em Lisboa tornou possível a criação do grupo

Maracatu Du Bairro que imediatamente agregou estudantes estrangeiros, portugueses e os recém-chegados estudantes universitários brasileiros.

O grupo fez importantes atuações representando a Casa do Brasil junto às atividades oficiais locais, mas cessou suas atividades no final de 2010. O rufar dos tambores tomou novo fôlego com o surgimento no ano seguinte do grupo

Nação Arte Pura, que realiza oficinas e cortejos por todo o país.

Hoje, já se pode falar que a cultura do **Maracatu** faz parte da cena musical em Portugal.

Pontes do afeto

Uma das características desse circuito português de cultura brasileira é a rede criada entre os artistas das variadas cenas musicais.

Os chorões promovem disputadas rodas de samba no Quilombo Santiago, assim como músicos, alunos e professores do circuito do **Forró** também se integram às oficinas e desfiles do **Maracatu Nação Arte Pura**. Sem patrocínio ou apoio institucional, seja de cá ou de lá, artistas brasileiros recém-chegados na cidade são recebidos nas residências de brasileiros já residentes, o que facilita a estadia temporária desses artistas.

A essa rede de trocas e articulações denominei "pontes do afeto". Em minha tese, utilizo essa expressão para explicar os processos produtivos que ligam as diferentes cenas e estabelecem novos circuitos culturais alternativos em torno da música brasileira em Portugal.

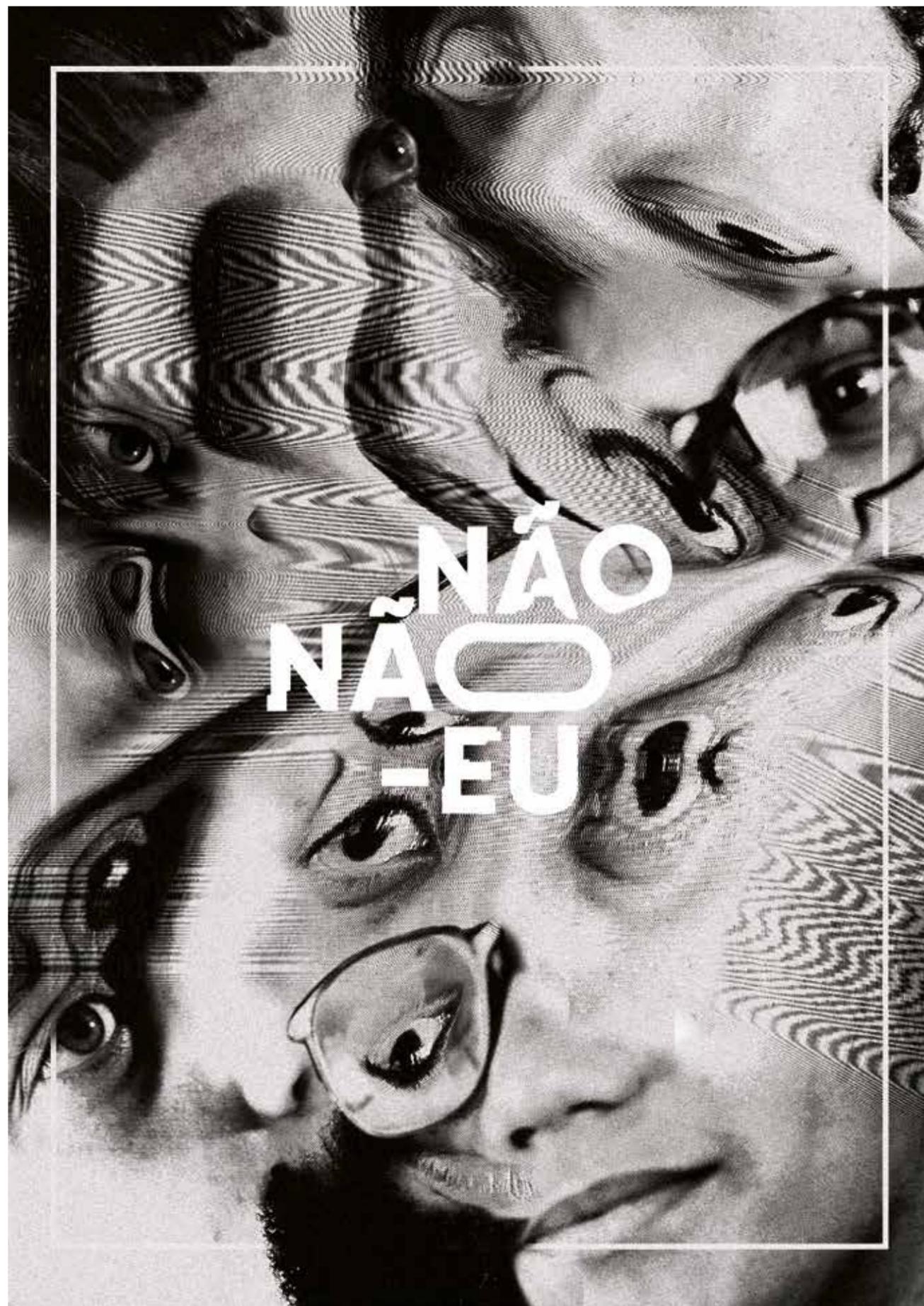


Maracatu Nação Arte Pura
FOTO: BRUNO HERCULANO

CLAUDIA GÓES

Doutoranda em Ciências Musicais pela Universidade Nova de Lisboa, bolsista da Fundação Ciência e Tecnologia de Portugal (FCT) e Mestre em Comunicação e Cultura (PPGCOM/UFRJ). Consultora musical do Museu dos Descobrimientos em Belmonte, (PT). Atuou no projeto Comunicação, Cultura e a Indústria da Música (UFRJ/CNPq). Graduada em Comunicação Social - jornalismo e pós-graduação em jornalismo Internacional. Atuou como radialista-locutora, apresentadora e produtora de programas de TV e Rádio no Rio de Janeiro e em Alagoas. Integrante da Orquestra de Pandeiros Pandemonium e dos grupos de percussão Levadas, Dona Santa e Jongados na Vida. Atua como cantora e percussionista em rodas de samba e choro no Rio de Janeiro.





OHM::DESIGN

GUSTAVO MACHADO + ÉRICO CORNÉLIO

Estúdio Borda

Belo Horizonte

BORDA

O **Estúdio Borda** foi criado por Érico Cornélio e Gustavo Machado em junho de 2016, época em que cursavam Design na Universidade Federal de Minas Gerais. O estúdio nasceu pela vontade de ambos por experimentar e valorizar processos criativos dentro da construção do design e da arte. Acreditando no design para além da academia, dos espaços formais, na sua extensão pela cidade.

Nosso querido **Borda** é um estúdio de design gráfico imersivo que busca formas eficientes, criativas e fora da curva de solucionar problemas e demandas dos clientes. Ou seja, entendemos a fundo os desafios reais de cada projeto para aprofundarmos nas pesquisas tanto do segmento quanto de conceituação dos trabalhos, a fim de criarmos a solução com segurança e criatividade. Tendo claro uma preocupação com a estética e técnicas a serem utilizadas, mas muito mais com os resultados e retornos que isso trará para cada trabalho. Assim o **Estúdio Borda** não se prende a uma metodologia criativa apenas, mas também num processo profundo de entendimento das demandas.

CANAL OHM YOUTUBE
ESTUDIO BORDA
<https://goo.gl/2JZ83W>

BORDA - SITE
<https://goo.gl/7dyoXi>

BORDA - INSTAGRAM
<https://goo.gl/qcu3Y1>

A diagramação desta matéria foi feita por
Érico Cornélio e Gustavo Machado
Estúdio Borda

ÉRICO CORNÉLIO
Mais conhecido como Keko, está finalizando o curso de Design pela UFMG com um ano de intercâmbio na SCAD - Savannah College of Arts and Design, Geórgia - EUA, em 2015-2016. Para além de designer gráfico, é tatuador, ilustrador, gravurista e ciclotivista.





NÃO NÃO-EU

Não Não-Eu é um trio de Belo Horizonte, composto por Pâmilla Vilas Boas (voz, guitarra, sintetizadores), Cláudio Valentim (baixo, sintetizadores) e outros artistas convidados. Trafegando em meio ao **Indie-Rock** analógico e da música eletrônica, com muito experimentalismo, a **Não Não-Eu** traz um som singular cheio de melancolia e introspecção.

O nome da banda provém do termo "Não Não-Eu" estudado nas artes cênicas, que significa a interseção entre o papel representado e o próprio artista. Como exemplo, ao mesmo momento que se atua como um cervo em uma peça teatral o artista é o cervo mas não deixa de ser um humano e vivendo nessa dualidade se apresenta o Não Não-Eu.

Pensando como a banda produz sua música, no conceito do nome e no público, foi feita uma pesquisa imagética extensa utilizando a técnica de *glitch* manual a até fotografia com tijolo de vidro, para criar uma biblioteca de imagens que pudessem compor visualmente e sintetizar a banda em uma identidade única e forte. A marca foi pensada da mesma forma. Criamos um logotipo cambiante a partir de uma fonte construída no computador e alterada manualmente com recortes e glitch no scanner. Todo o processo passou por uma mistura de digital e analógico. Esse projeto foi premiado com o selo do Bhenace de Design Gráfico.

NÃO NÃO NÃO NÃO-EU NÃO-EU NÃO-EU



GUSTAVO MACHADO
É formado em Design pela UFMG, com intercâmbio na Politécnico de Torino - localizada em Torino, Itália -. Atua como designer a mais de 10 anos e autor do livro "Práticas Livres - Um Olhar sobre a Pirataria" - 2016. Além de um grande designer é gravurista e cicloativista.



Eventos OHM

Alguns dos eventos que participamos



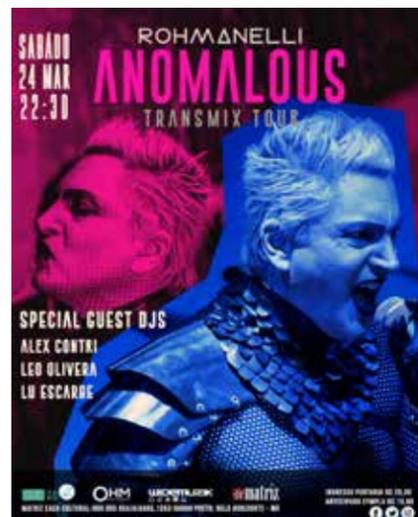
Lançamento
OHM Music Magazine

ALEX CONTRI E ROHMANELLI
POR LEO OLIVERA



Dia do Rock 2018
MM Gerdaú

DJs ANTHONY, LEO OLIVERA E LEO MILLE
POR LEONARDO MIRANDA



CASA SHOW MATRIZ – BELO HORIZONTE

Março de 2018

O lançamento da **OHM Music Magazine** foi marcado por eventos prá lá de inusitados.

Com a participação do sensacional artista e ativista **Rohmanelli**, foram organizadas duas sensacionais apresentações.

A primeira aconteceu dentro do Shopping Uai, tradicional centro comercial bem no centro da cidade. Isso em pleno agito de uma tarde de sexta-feira.

O outro show aconteceu em um dos mais icônicos points da cena *underground* de Belo Horizonte. Em uma sensacional e intimista performance de **Rohmanelli** na **Matriz Casa Cultural** a **OHM Music Magazine** veio oficialmente ao mundo.

Toda produção ficou por conta do DJ e produtor **Alex Contri**.

Os DJs que tocaram no lançamento foram **Lu Escarbe**, **Leo Olivera** e **Alex Contri** todos de Belo Horizonte.



MUSEU DAS MINAS E DO METAL – BELO HORIZONTE

Julho de 2018

O **MM Gerdaú – Museu das Minas e do Metal** realizou, nos dias 12 e 13 de julho, o evento **Rock no Metal**. Em celebração ao **Dia Mundial do Rock**, o Museu apresentou uma programação especial para a data. Ao longo dos dois dias de evento, apresentações, oficinas e feiras temáticas foram oferecidas ao público. Foi apresentada as exposições virtuais **Capas do Rock**, com curadoria do designer **Matheus Viana** e **Rock Timeline**, com curadoria **OHM Music Magazine**. Também apresentaram sets com muito **Rock and Roll** os **DJs Anthony, Bela, Leo Mille e Leo Olivera**. Para encerrar o evento, a banda de rock mineira **Cartoon**, se apresentou no Museu. Nós da OHM ficamos felizes com essa parceria sensacional e agradecemos a coordenação do Museu das Minas do Metal – MM Gerdaú, Belo Horizonte.

Lançamento OHM Music Magazine Top Radio Web



FOTO: LEO OLIVERA



PROJETO DEEP SENSATION – BELO HORIZONTE

Maio de 2018

Um outro evento de lançamento da **OHM Music Magazine** aconteceu em maio à convite da **Top Radio Web**, webradio de Belo Horizonte que possui uma das melhores e mais renomada equipe de DJs e produtores da cena nacional da música para dançar. O evento foi organizado pelo **DJs Pardal e Paulinho** em um dos seus projetos chamado **Deep Sensation** e aconteceu na Pizzaria Pomodori, no Bairro Castelo em Belo Horizonte. Tocaram neste evento o **VDJ Wander** e os DJs **Luis Henrique** e **Leo Olivera**. A **OHM Music Magazine** também agradece à **Top Radio Web** e ao **Projeto Deep Sensation** o convite e a bela festa de lançamento. Sentimo-nos honrados com mais essa forte parceria.

WHO plays **OHM**
music magazine

Outros eventos:

Groove Solidário

Local: 4Rei - BH
Djs Anthony, Bird, Leo Olivera, Vanucci, Paula Villas, Factorama, Markko, LB Blackstyle, Leo Mille, Begon, Hudson e Rud.
30 de julho de 2018

Som Alternativo

Local: Som Alternativo - BH
Djs Laryss, Anthony, Leo Olivera e Rud.
08 de julho de 2018

Canjerê Independência de Moçambique

Local: Parque Lagoa do Nado - BH
Djs Leo Oliveira e Baile Salto Sound System.
Participação Roger Deff, Rosália Diogo e Madu Costa
20 de junho de 2018

SOMlidariedade

Local: CC Padre Eustáquio - BH
Djs Anthony, Leo Olivera, Leo Mille, Rud e LB Blackstyle.
28 de julho de 2018

Nujazz no Parque

Local: Parque Lagoa do Nado - BH
Jam Abril
Djs Anthony, Rafael Roots e Leo Oliveira
15 de abril de 2018

Jam Maio

Djs Anthony, Rafael Sense e Leo Oliveira
20 de maio de 2018

Jam Junho

Djs Anthony e Leo Oliveira
Participação Grupo Brother Soul - BH
24 de junho de 2018

Jam Julho

Djs Anthony, Rafael Roots e Leo Oliveira
22 de julho de 2018

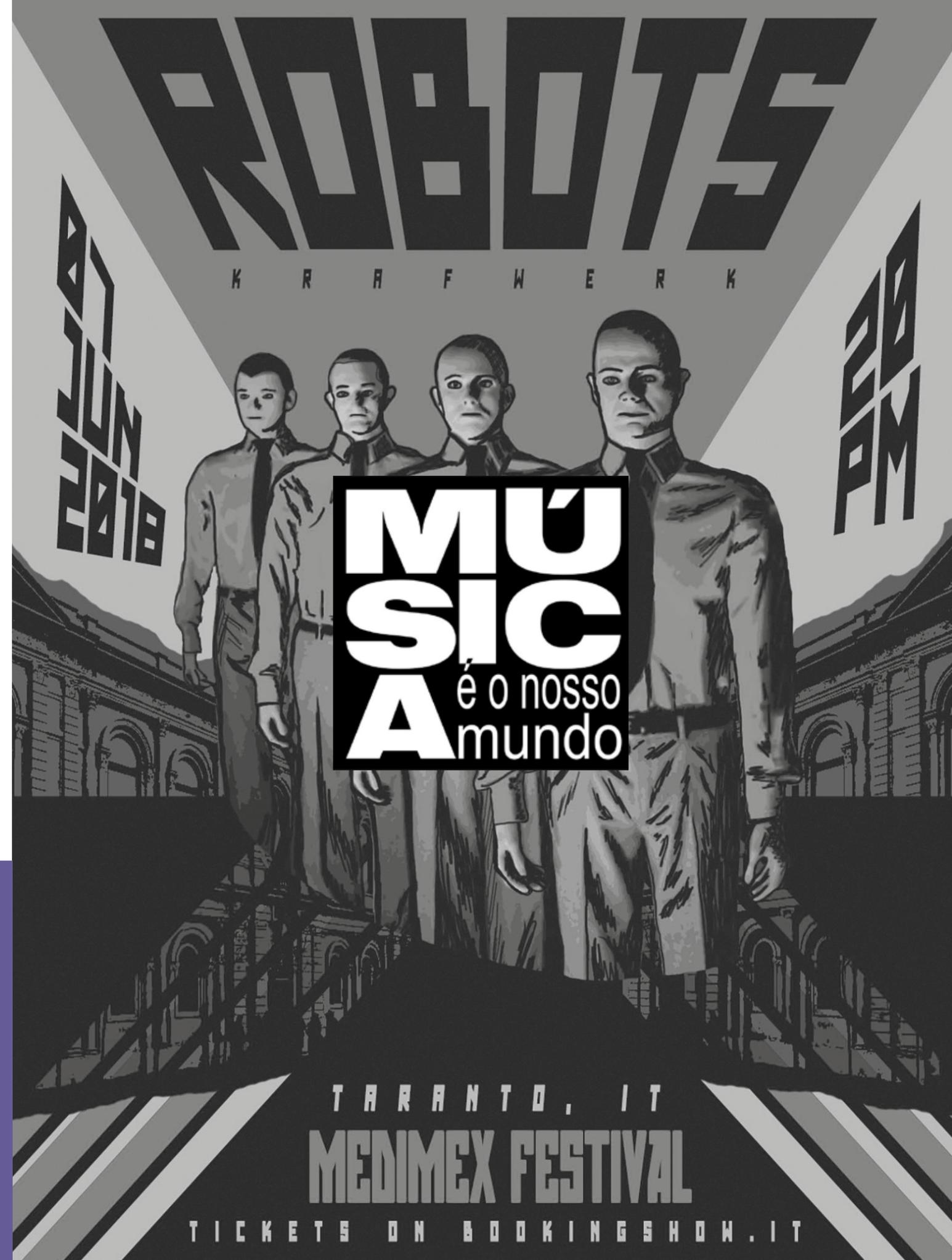


ILUSTRAÇÃO
ANA CAROLINA DIAS

ROBOTS

K R A F W E R K

07 JUN 2018

20 PM



TARRANTO, IT
MEDIMEX FESTIVAL